

Linguagem, Cultura e Sociedade

Abordagens Linguísticas

ORGANIZAÇÃO

Emília Ribeiro Pedro

Isabel Ferro Mealha

Maria Cecília Lopes da Costa



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE
Abordagens Linguísticas

Organização

Emília Ribeiro Pedro
Isabel Ferro Mealha
Maria Cecília Lopes da Costa

Capa e Paginação

Inês Mateus ✉ inesmateus@oniduo.pt

Edição

Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa
e
Edições Colibri

Impressão e acabamento

COLIBRI - Artes Gráficas

Tiragem 500 exemplares

ISBN 978-972-8886-11-0
978-972-772-985-2

Depósito Legal 308 092/10

2009

**PUBLICAÇÃO APOIADA PELA
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA**

LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE

Abordagens Linguísticas

ORGANIZAÇÃO

Emília Ribeiro Pedro

Isabel Ferro Mealha

Maria Cecília Lopes da Costa



Edições Colibri



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Índice

Nota sobre os Autores	9
Introdução	
Emília Ribeiro Pedro, Isabel Ferro Mealha, Maria Cecília Lopes da Costa	11
Textos	
<i>Genre Management and Socio-pragmatic Acquisition within a Group of Business-Oriented Learners (PFL)</i>	
António Avelar	17
<i>Marcadores de Controlo de Contacto: Uma Perspectiva da ACD</i>	
Carmina Silvestre	37
<i>Para a Identificação de uma Matriz Linguística no Uso de Estrangei- rismos na Língua Portuguesa</i>	
Madalena T. Dias Teixeira	53
<i>Diferenças Culturais em Tradução Técnica</i>	
Maria Goreti Monteiro	77
<i>The Language of Science and Technology: a Discourse of Power Keeping Young Learners Out</i>	
Vicky Hartnack	91

Nota sobre os Autores

António Avelar, doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade de Lisboa, Mestre em Relações Interculturais, investigador do Centro de Estudos Anglísticos e docente do Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para além de linguística aplicada, os seus interesses incluem a Gramática Sistemico-Funcional (descrição da língua e aplicação), sociolinguística e Estudos Culturais.

Carminda Silvestre, doutorada em Linguística Aplicada pela Universidade de Lisboa. É coordenadora do Departamento de Ciências da Linguagem da Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), do Instituto Politécnico de Leiria, e investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Lecciona Análise do Discurso no curso de Tradução, Comunicação e Semiótica no curso de Marketing e Inglês para fins específicos no curso de Gestão. Desenvolve trabalho de investigação no âmbito da Análise Crítica do Discurso, Gramática Sistemico-Funcional e Semiótica Social aplicada ao Discurso Empresarial, Relações Sociais do Género (representações e práticas) e Comunicação Intercultural.

Madalena Dias Teixeira, doutorada em Sociolinguística pela Universidade de Lisboa, professora na Escola Superior de Santarém e Investigadora do Centro de Estudos Anglísticos. Tem leccionado a disciplina de Língua Portuguesa e tem sido supervisora de estágio. No campo da investigação, os seus interesses incluem a Sociolinguística.

Maria Goreti da Silva Monteiro, Mestre em Estudos Anglísticos e encontra-se a elaborar a sua tese de doutoramento na área de Linguística Inglesa. Lecciona Língua Inglesa e Tradução Técnica na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Leiria para além de ser investigadora no Centro de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade

de Lisboa. As suas áreas de interesse incluem os Estudos de Tradução, Linguística Inglesa e Inglês Específico.

Vicky Hartnack, Leitora de Língua Inglesa no Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é Mestre em Cultura Inglesa. A par da sua actividade como professora do inglês como língua estrangeira, lecciona cadeiras da Cultura e Literaturas Pós-Colonialistas. Faz investigação na área de linguística aplicada no Centro de Estudos Anglísticos.

Introdução

Esta colectânea de estudos é o resultado de trabalhos desenvolvidos por um grupo de investigadores do Centro de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da linha de acção intitulada *Linguagem, Cultura e Sociedade: Dimensões Internacionais, Sincrónicas e Diacrónicas*.

Trata-se de um conjunto de análises linguísticas que focam temas relacionados com diversos aspectos do estudo da linguagem e das diferentes implicações culturais e sociais resultantes do seu uso.

Os artigos inseridos neste volume estão organizados por ordem alfabética de autores e abrangem: um trabalho sobre o papel determinante que o factor motivacional pode desempenhar no processo de aprendizagem de uma língua; uma análise de marcadores de controlo de contacto na língua portuguesa em contexto de reuniões empresariais; uma abordagem do uso de estrangeirismos em processos de comunicação relacionados com três campos de actividade distintos; uma investigação sobre várias versões de traduções técnicas de inglês para português e as implicações decorrentes da sua falta de adaptação a diferentes realidades culturais e linguísticas; e, ainda, um estudo das dificuldades de compreensão do discurso científico e tecnológico enquanto factor de exclusão.

O factor motivacional pode desempenhar um papel fundamental no processo de aprendizagem de uma língua, orientando os aprendentes para um determinado tipo de aquisições. No seu trabalho “Genre Management and Socio-pragmatic Acquisition within a Group of Business-Oriented Learners (PFL)”, António Avelar investiga o comportamento linguístico de aprendentes de português como língua estrangeira, cuja principal motivação expressa é a realização de negócios com empresas do mundo lusófono. O autor examina os resultados mais significativos da sua análise, designadamente os que se prendem com a competência sociopragmática e com o

controlo do género e de sub-géneros dentro do domínio de *business and marketing*.

Os marcadores de Controlo de Contacto apresentam-se não só como um importante instrumento de coesão na criação de textura e coerência discursivas, mas essencialmente como estratégia discursiva na criação das posições de sujeito, inserindo-se no sistema da metafunção interpessoal contemplada na gramática sistémico-funcional. No seu artigo “Marcadores de Controlo de Contacto: uma Perspectiva da ACD”, Carminda Silvestre debruça-se sobre marcadores de controlo de contacto na língua portuguesa, analisando a sua distribuição e propriedades funcionais no contexto de reuniões em empresas.

A existência de estrangeirismos enquanto empréstimos lexicais tem sido, em parte, justificada pela necessidade de denominar novas realidades para as quais não existe correspondência linguística numa dada língua. No seu artigo intitulado “Para Identificação de uma Matriz Linguística no Uso de Estrangeirismos na Língua Portuguesa”, Madalena Dias Teixeira analisa o uso de estrangeirismos nos processos de comunicação em três sectores de actividade: Gastronomia, Economia e Publicidade, estabelecendo as diferenças no modo como os empréstimos de vocábulos estrangeiros foram adoptados por cada uma das áreas, desde o uso da forma original, passando pela utilização de um equivalente em português até ao aporuguesamento do estrangeirismo, realçando as funções criativa e dinâmica que o uso de vocábulos importados significa a nível da linguagem utilizada em processos de comunicação.

A tradução enquanto transferência de uma língua para a outra pressupõe um conhecimento aprofundado das realidades socio-culturais das duas línguas em presença e das variedades linguísticas e culturais existentes em cada uma delas. A nível da tradução técnica, ignorar estes pressupostos pode significar não só dificuldade de comunicação, mas também interferência no processo de compreensão com implicações no acesso a produtos e consequente dano empresarial. No seu artigo intitulado “Diferenças Culturais em Tradução Técnica”, Maria Goreti Monteiro debruça-se sobre esses pressupostos e analisa as consequências culturais e sociais resultantes da falta de adaptação de traduções técnicas às diferentes realidades culturais e variedades

linguísticas subjacentes a cada língua, tendo como base traduções técnicas reais a partir da língua inglesa para a língua portuguesa de Portugal e do Brasil.

O discurso de poder por vezes patente na linguagem científica e tecnológica enquanto veículo de transmissão de conhecimentos pode redundar em factor de exclusão. No seu trabalho “The Language of Science and Technology: a Discourse of Power Keeping Young Learners Out”, Vicky Hartnack examina o discurso tecnológico e as construções mentais que dele advêm, tentando compreender as razões que presidem ao facto de muitos jovens em idade escolar terem fraco aproveitamento nas disciplinas de ciências e matemática. A autora estuda o modo como os padrões linguísticos podem constituir barreiras que impedem o acesso ao discurso especializado, excluindo, assim, todos os que não o conseguem entender.

Emília Ribeiro Pedro

Isabel Ferro Mealha

Maria Cecília Lopes da Costa

**Genre Management and Socio-pragmatic
Acquisition within a Group of Business-
Oriented Learners (PFL)**

António Manuel dos Santos Avelar

Resumo

Todos os estudos convergem em afirmar o factor motivacional como determinante no processo de aprendizagem de uma língua, interagindo, embora de forma autónoma, com as restantes condicionantes envolventes do mesmo processo. Procurando perceber até que ponto a motivação pode orientar os aprendentes para determinado tipo de aquisições, estudei e avaliei o comportamento linguístico de aprendentes de língua portuguesa (LE) cuja principal motivação expressa era a realização de negócios com empresas do mundo lusófono.

O estudo envolveu a análise da produção de alunos dos níveis intermédio e avançado no Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os participantes, de sete nacionalidades distintas, com predomínio (57%) de alunos japoneses, submetidos embora a programas idênticos, estiveram integrados durante o semestre de aprendizagem em quatro grupos com perfis diferentes. Não sendo, nenhum destes grupos, composto maioritariamente por elementos motivados para o mundo dos negócios, só pontualmente as actividades sugeridas pelo professor foram orientadas para o desenvolvimento nesta área específica.

A investigação constou da monitorização e avaliação de tarefas convocando a produção oral e escrita, designadamente *role-play*, relacionadas com o domínio genérico – *Business and marketing*. A análise da participação dos aprendentes teve em conta os princípios da Gramática Sistémico-funcional (M.A.K. Halliday, 1994), a Teoria do Registo e do Género (Egins e Martin, 1997), a Análise Conversacional (Sacks et al., 1974) e o Modelo de Análise da Delicadeza (Brown and Levinson, 1987).

Neste artigo irei discutir os resultados mais significativos, designadamente os que se prendem com a competência sociopragmática e com o controlo do género e de sub-géneros dentro do domínio de *Business and marketing*. A divisão em dois conjuntos contrastantes de análise que a selecção dos participantes potencializou, revelou semelhanças linguísticas e comportamentais na interpretação de subgéneros com um certo grau de proximidade, designadamente entre os de paradigma tecnológico e o texto económico escrito. Discutirei ainda alguns dos dados no âmbito do ensino do Português para fins específicos.

1. Introduction

Over the past few years, the typical profile of learners of Portuguese as a foreign language has undergone significant changes. This trend has been visible even in institutions such as the Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras, University of Lisbon, where this research has taken place. Traditionally, this Department receives mainly university students whose chief needs are associated with Portuguese culture, history and literature. However, the demand for Portuguese as a means of accessing the Portuguese-speaking business world has been growing steadily.

Institutions have been adapting to these new students' largely prevailing profile, taking into account the actual conditions of each school, the learners themselves and teacher qualifications.

According to what is currently known about the teaching/learning process, the most frequent response to the needs of these learners' profile is to offer a course of Portuguese for Specific Purposes (PSP). However, after evaluating the first experiences within this pattern, the conclusion was that there were hardly any significant gains. One of the reasons for this failure was the design of the syllabus, which, for the sake of language immersion, implied situations that were not foreseen by the learners. This fact in itself contributed to decreasing students' level of enthusiasm.

Some limitations have been found in programmes of learning languages for specific purposes. Although this is not the place to discuss this issue, some comments made in the final coordination report are worth mentioning here:

- Final results of beginners [A2 e B1 of the European Common Framework of Reference for Languages (CEFR)] show qualitative differences when compared to the results of more advanced learners (B2 and C1 of the CEFR).
- Clear discrepancy between the degree of discursive, pragmatic and strategic competences and grammatical competence, the latter being more developed.
- As far as the organisation of groups is concerned, the participants show fewer positive opinions despite the fact that they share similar interests.

- Along the course, the same participants continuously change their opinion as regards their true reasons for taking the course, when questioned about their short- and medium-term interests.

Bearing in mind the four comments, one has to accept that it is essential to find out how motivation to learn a language can guide language acquisition and the development of the whole process both in qualitative and in quantitative terms. This study aims to examine the relationship between the needs stated by learners who perceive language learning as a way to access the business activity, motivational factors and learning priorities.

When used in linguistic research applied to language teaching, *motivation* is not a trouble-free concept to work with, due to the amount of components involved and the way they interact.¹ The more thoughtful insights seem to come from second-language learning studies, where motivation is seen as a set of individual difference variables comprising socio-psychological factors as well as the learning environment. Several studies (e.g. Bardov-Harig e Dönyei, 1998 and Cook, 2001) relate pragmalinguistic acquisition and the capacity to identify and interpret sociopragmatic items in students' motivation. These findings suggest that learners act rather selectively in the process of acquisition. This paper seeks to show that business-oriented learners make a rather selective acquisition, mainly in sociopragmatic instances and genre knowledge despite poor insights from syllabuses and teacher support.

The present study bases itself upon a large-scale data collection subject to a qualitative rather than a quantitative analysis, centred on the issues of genre and sociopragmatic competence. The items under study were related to the main characteristics of the sub-genres involved. The aim is to assess the broad performance of the two groups of participants. Research in this area often results from microanalyses focussing on a particular structure

¹ A more holistic approach to the study of motivation in language acquisition has been adopted by Gardner (1985) in the framework of an L2 learning, which results in a socio-cultural model. There are different versions of this model (Gardner, 1985; Gardner and MacIntyre, 1993).

(morpho-syntactic, pragmatic or other) so as to extend the conclusions to other categories. For example, in order to deepen the knowledge about the acquisition of the overall pragmatic competence, various studies (e.g. Carrol, 2000, Salsbury e Bardovi-Harlig, 2001) took the analysis of items such as discourse markers or disagreements as a starting point. On the other hand, there are also many studies separately analysing reading comprehension or written production. The scrutiny and evaluation of comprehension and discourse production in FL/L2 always make the researcher take decisions carefully, because the most common practices are far from allowing the control of all the variables. Bearing in mind the aim of this paper, a larger scale observation seems to be best suited to measure knowledge about generic conventions and to go deeper in detecting sociopragmatic devices besides linguistic features. The analysis of the performances of the participants will be based on the theories of Systemic Functional Grammar (M.A.C. Halliday, 1994), Register and Genre Theory (Eggins and Martin, 1997, Conversation Analysis, Sacks *et al.*, 1974 and Politeness, Brown and Levinson, 1987).

2. Carrying out of the present study

The eighteen participants of this study were selected from about 200 students who were attending the second semester of the academic year 2004/2005 and who belonged to four groups of Intermediate and Advanced levels, corresponding to B2 and C1 levels of the CEFR. The organisation of these groups always takes into account learners' profile and needs. However, up to the moment of carrying out this research no tasks related to business, the market and marketing or other related topic were proposed or completed.²

² It must be said that, after discussion in the coordinating unit, the syllabus of each group is negotiated with the students in general terms and their suggestions are taken into account, particularly concerning programme topics. As the learners find themselves in the situation of language immersion, preferences are given to approaches that

- allow for a certain degree of pedagogic eclecticism
- tend to reinforce socio-communication language aspects
- value text-related work in its context
- seek the development of oral and written competences in the communication process.

Another aspect related to the characterisation of the environment in which the study took place is connected with the conditions of data collection: all the procedures related to changing groups, participating in interviews, completing tasks such as answering a questionnaire and participating in a role-play were developed in such a way so that the participants would perceive them as part of their learning process. Only the face-to-face interview to confirm the purpose and the cognitive structure of the genres was referred by learners as ‘a difficult evaluation moment’ and perceived as a “special” task.

The participants were divided into two groups: Group A consisting of students who showed preference for business and marketing-related communication; and Group B consisting of students with diverse interests and having no specific profile. All the participants passed the exams at the Centro de Avaliação do Português Língua Estrangeira of DLCP which lead to the official Diploma. For the aim of this study, information about Portuguese proficiency of all participants consists of the result of this exam as well as the teacher’s information.

Given the students’ diverse geographical origin, which seemed to have a certain degree of interference in the results of this study, the two above-mentioned groups were organised in such a way so as to try and keep a balance in terms of nationalities, as shown below.

Organisation of the groups according to students’ geographic origin

Group A	Group B
5 Japanese	2 Japanese
2 Spanish	2 Chinese (1 of Macao origin)
1 German	3 Spanish (1 of Galician origin)
1 American	1 German
	1 Austrian
9 participants	9 participants

Total: 18 participants

Twenty-three pre-selected students answered a questionnaire in a face-to-face interview aimed at confirming their already known profile and at gathering some additional information. This activity was crucial in the final

selection of the two groups, leading to the elimination of five of the pre-selected students.

All participants completed the following tasks:

Speaking

1 – Elicited Conversation - individual interview and answering a questionnaire to determine the purpose and cognitive structure of the genre of the selected texts (e.g. brochures, memos, reports, and business letters).

2 – Participating in an open role-play – ‘Purchase and sale of an ancient piece of Oriental art’ - whose topic was chosen by the majority of the participants out of three other proposals. The scenario, participants’ roles and materials were distributed in accordance with the elements gathered during the first interview.

3 – Participating in a debate – ‘Should poor countries’ debts be written off?’ Materials needed for the debate: ‘Opinion extracts about the topic by Nicolau Santos – SIC/*Notícias* and a journalistic summary (*Diário de Notícias*) about the amounts of the debt and GDP of some African and South American countries.

Writing

4 – Letter of application answering a job advertisement.

5 – Business report of a public limited company based on the graphs and figures published in *Jornal de Negócios*.

The role-play and the debate were recorded on video. The option of an open role-play instead of the closed one proved very useful for data collection³. The role-play essentially tested the interaction competence of the participants who were compelled to reproduce pragmatic utterances valid in authentic contexts.

³ Within the preparation for open role-play (Kasper and Dahl, 1991, Kasper and Rose, 2002), the initial situation is specified as well as each actor’s role and goals, but the course of the interactions and overall activity are never premeditated. These authors, among others, stress the vitality offered by the possibility to collect data about interpersonal functions, politeness expression and interactional functions, such as coordinating speaker/listening contributions through turn-taking and back-channelling.

Monitoring of the debate was somehow affected by some of the participants' attempt at monopolizing the discussion. Crucial annotations focused on the participants' genre knowledge (assuming that the genres involved are among the key ones to this particular public), on the pragmatic, socio-cultural and strategic competences and, furthermore, on the linguistic entities needed to express them (e.g. politeness expression, arguing capacity, cohesion, mood and modality).

Items observed (understanding and speaking)	Data collection process
Knowledge of text purpose	questionnaire/interview
Knowledge about genres' schematic structure	questionnaire/interview
Choices related to the relation Theme/Rheme	observation during all speaking interactions and in writing activities
Politeness expression	observation during all speaking interactions and in writing activities
Remaining items with pragmatic and discursive incidence	observation during all speaking interactions and in writing activities

3. Data

The present framework, not only in the selection of observation items but also in the data treatment, consists of the *Systemic Functional Grammar*, (M.A.K. Halliday, 1994), *Register and Genre Theory* (Eggins and Martin, 1997), *Conversation Analysis* (Sacks et. al., 1974) and *Politeness* (Brown and Levinson, 1987).

Data, being rich and useful to establish causal relationships and to make reliable inferences, are complex to analyse. As it is impossible to report on all the final results due to the amount of variables involved, the study proceeded by choosing the most representative items.

3.1. Recognizing the purpose and schematic structure of the genre

Whereas both groups had an identical performance regarding the recognition of the purpose of the texts (86% success), the final results concerning identification of the schematic structure of the text were diverse: Group A was more successful (72%) than group B (63%). It is worth mentioning that seven texts representing various subgenres were proposed for individual evaluation in the context of an interview.

Genre Recognition

	GROUP A	GROUP B
Recognition of purpose	86%	86%
Knowledge of schematic structure	72%	63%

A better identification of the cognitive structure of the texts on the part of the business-oriented participants reveals a higher degree of familiarity with the genres involved. Yet, how was this familiarity acquired if – according to the answers to the questionnaires – these genres had never been approached during the learning process, either in Portugal or in the country of origin?

The results also reveal that the Eastern students from group A displayed a practically identical (re)cognition of the genre as their Western counterparts, whereas Far Eastern students who are not interested in business (Group B) had a markedly lower result (58%). Is it possible, in objective terms, to establish a correlation between the participants' *ethos*, their aptitudes and motivational factors?

3.2. Theme/Rheme choices

The analysis of the participants' choices was carried out by selecting significant occurrences in all oral interactions and in written production (letter and report). The oral production was more fruitful in this respect, since in written genres the construction of the text is more dependent on the restrictions of the genre itself.

The first aspect that distinguishes the behavior of the two groups has to do with the use of multiple *Themes*: Group A showed more inclination

towards using multiple *Themes*, with 99 occurrences, 75 in oral interactions. On the other hand, group B had 83 occurrences, 55 in oral interactions. The study registered some utterances in which the expansion of the *Theme* almost reaches the limits allowed by the Portuguese language, as in the following example:

“ah, bem, mas então, com certeza, nesse caso a Europa ficará a perder.”
(Oh, yes, but in that case, for sure, Europe will come out a loser.)

Taking into account the incidences of interaction in which the utterance occurs, we can interpret it in the following way:

ah, bem	→	continuative Theme
mas então	→	structural ⁴ Theme
com certeza	→	modal Theme
nesse caso	→	topical Theme

Utterances containing multiple thematic structures, as in the example above, reveal a very good interpretation of the environmental incidences and contextual elements. Besides, they also show that the speaker has a good fluency and dominates the mechanisms of complex sentence organization.

A great majority of multiple *themes* contained a modal *theme*, which indicated a willingness to express judgment about the relevance of the utterance. Knowing that the use of this type of utterances by learners is related to their degree of development (linguistic proficiency), how can we interpret the fact that group A, consisting of people with lower proficiency levels, shows a stronger tendency towards using multiple *themes* and complex sentence structure?

Looking more closely at the thematic occurrences that distinguish the two groups, we find some noteworthy results in textual themes, particularly with regard to continuative themes.

⁴ Another possible interpretation would be not only to consider ‘mas então’ as a structural theme (in which the presence of ‘então’ is considered discursively as being part of the adversative expression) but also to accept the existence of a conjunctive theme, given a possible separation between the two items.

Choosing textual *themes* (Number of occurrences)

	Group A	Group B
Continuative	48	19
Structural	289	276
Conjunctive	417	432

Being mere ‘signposts’ of the discourse, these are particularly important because they reveal the speaker’s intention to command the rhythm of the interaction, including communicative naturalness and information about the beginning of a new movement. Only learners with high levels of proficiency (B2 and A1) have shown an aptitude for resorting to this type of structures, as they require good coordination with paralinguistic information, in particular with intonation. Thus, it is noteworthy that Group A was more inclined to resort to continuative themes than Group B.

The distribution of structural and conjunctive themes shows there is a balance between the two groups.

Choosing interpersonal themes

	Group A	Group B
Vocative Themes	- 48%	- 52%
Modal Themes	- 68%	- 42%

The vocative theme is essentially a person’s name or any other form of addressing the person, including pronominal, which follows the topical theme. Knowing the richness of the Portuguese language with regard to the system of address forms, it is natural that the study has registered a variety of options from the pronominal (3rd person) to the use of *você* and *Sr./Sr^a*, as in the examples below:

“Então Erika, enquanto elemento de uma ONG, partes para um diálogo com uma pessoa...um local... que, nós sabemos, já se especializou em receber a farinha que mandamos para os outros!?”

(So, Erika, as a member of an NGO, would you really start negotiating with somebody ... in a place... definitely known for seizing the flour we send rather than giving it to others?)

“Diga-me, (o) sr. Jones, este vaso chinês merece ir a um leilão numa daquelas....que conhecemos ...famosas, em Londres?”

(Tell me, Mr. Jones, is this Chinese vase worthy of being put up for sale in an auction, in one of.... those famous places in London?)

“Não me diga a senhora, uma coisa dessas...”

(Oh, please, Madam, don't tell me ...)

There is not much contrast in the selection made by the two groups. This can be explained by the fact that the participants acted out the role-plays quite easily. The preference for ‘*tu*’ is related to the friendly environment in which the two recorded debates took place. On the other hand, more formal treatment was typical of the role-play (spoken) and letter (written).

Group A resorted more to modal adjuncts, thus showing a generally richer and more varied use of modal themes. Using Halliday’s typology (1994: 49), themes of type I introduced by modal adjuncts expressing the obvious and probability were more frequently detected. The following modal adjuncts expressing the obvious and the acceptance of the interlocutor’s previous assertion were identified:

- | | |
|---------------|-----------------|
| “É óbvio” | (obviously) |
| “Com certeza” | (for sure) |
| “Sem dúvida” | (without doubt) |
| “Seguramente” | (certainly) |

27 thematic constructions introduced by modal adjuncts expressing probability (*possivelmente*, *provavelmente* and *talvez*) have been found, 18 of which were observed in interactions among elements of Group A. Only the occurrences that assume the discursive value of a Theme disagreement softener were studied, once they add an epistemic value, as in the examples below.

“Possivelmente os números do teu país (China) estão exagerados, mas tens que aceitar que ainda há fome...”

(Probably, your country statistics (China) are exaggerated, but you have to admit that there is still hunger...)

“Não percebi, provavelmente, a tua intervenção. Queres acabar com os apoios...” (doações aos países mais carenciados)

(“Probably, I did not understand you. Do you really want to stop international aid? ...” (donations to poor countries)

“Talvez não tenhas passado tempo suficiente (no Egípto) para poderes fazer essas afirmações...”

(Maybe you haven't spent enough time (in Egypt) to be able to say those things...)

According to Halliday 1994, the remaining occurrences (of type II) were modal adjuncts of opinion (*pessoalmente* – ‘personally’), followed by the verb *achar* (‘to think’); of desire (*felizmente / infelizmente* – ‘fortunately’ / ‘unfortunately’); of validation (*em princípio, de uma maneira geral* – ‘in principle’, ‘generally speaking’); of evaluation (*compreensivelmente* – ‘understandably’) and of forecast (*por acaso* – ‘incidentally’). The latter adjunct, of significant average occurrence, can be interpreted in all occurrences as an indicator of disagreement, as in the example below:

“Por acaso, os objectos de arte até vão sofrer desvalorização...”

(Actually, objects of art will decrease in value...)

“...por acaso acho que estás enganado...”

(... actually, I think you're wrong...)

The number of adverbs found in the corpus is related to the type of thematic marked choices of the participants. As mentioned before, the occurrence of a significant number of adverbs is larger for Group A than for Group B. This number is increased by other adverbial uses which are not considered because they were too linked to the untypical use by one of the participants.

Taking into account the proposed tasks, the expression of politeness immediately becomes evident through the choice of ways of addressing fellow participants, which are used in a balanced way in the two groups. However, in the letter, the choices of address were generally more appropriate in Group A, accompanied by a more correct salutation and closing.

Considering the main speech acts involved – (dis)agreement, criticism and request – the processes of mitigation and intensification as well as resorting to interlocutory formulae were clearly present in the participants' discourse. These consisted mainly of particles and modal expressions, whose

use was strategic and associated with interactional meaning, and occurred more in the debate than in the role-play: expressions to keep a conversation going (“*Calculem*”, “*Ouçá cá uma coisa*”, “*como devem saber*”), to ask for feedback (“*Não é...*”, “*não é verdade...*”) and to reinforce the content of a message (“*confesso que*”, “*toda a gente sabe que*”).

Both groups had an identical overall performance with regard to various aspects of the above-mentioned expression of politeness. However, morpho-syntactic interferences were more numerous in the utterances produced by the participants of Group A.

4 Discussion of the data

This data collection, informed by a systemic functional description of the language within a text-based approach, has proved productive in the sense of facilitating the gathering of information about the participants’ linguistic behaviour. It allows us to relate them very closely to socio-pragmatic situations and underlying genre restrictions.

The first noteworthy point resulting from the obtained data is the evident separation between linguistic and pragmatic competences. In general terms, the business-oriented group (Group A) showed a higher degree of pragmatic competence than Group B under the same learning conditions, although the students had never done any specific genre-related work in their area of interest. In the meantime, Group B obtained a higher score in grammatical competence, both in the tasks carried out for this study and in general assessment. Thus, there is clear evidence of a separate acquisition of these two kinds of competence, the pragmatic one being prevalent over the linguistic one.

In the above-mentioned study about the expression of agreement in English (Salsbury and Bardovi-Harlig, 2001), the authors compare native/non-native interactions and find out that, for example, conditional clauses were used without the adequate conjunction (‘if’) and often with some irregularities in the use of verb tense and mode. The same type of evidence has been pointed out by researchers since the early 80s, which is the case with Givón 1979 whose work was based on a functional framework. He proposed the notion of ‘pragmatic mode’, characterised by links to the

context and resorting to a very limited grammar basis, which the learner can use to express him/herself ‘pragmatically’ right from the outset of his/her learning process. On the other hand, it has also been noted (Bardovi-Harlig, 2001) that learners can demonstrate knowledge of a particular grammatical structure but be unable to use it to express or modify illocutionary force, or do it in an unconventional way in the target language, using their knowledge to express pragma-linguistic functions. This type of discussion is still open although, as the present study deals with adult learners who have spent at least three months in the situation of immersion, the data seem to be rather unambiguous. For both syllabus and course designers within a PSP option or another kind of approach, these achievements are crucial when it comes to planning the course and the course evaluation.

The present analysis was also carried out in an attempt to find a characteristic pattern for each of the groups by applying the method of discourse development (Halliday 1985). The circumstances and objectives of this study only allow us to establish a credible link between thematic choices, motivational factors and texts/genres related to a particular business domain. As expected, this analysis of thematic choices did not reveal any truly contrasting results with regard to some types of themes, especially because of structural restrictions imposed by the Portuguese language.

The second main observation resulting from this study is the fact that business-oriented learners, despite a lower linguistic competence, revealed a higher degree of familiarity with the purpose and schematic structure of the subgenres involved in the proposed tasks. Analogous conclusions have been achieved by other researchers. In an early study from the perspective of English as a mother tongue which analyses various aspects that may influence general understanding, Keller-Cohen (1986) show how prior knowledge, familiarity with content, language and reading influence the understanding of the two genres (bank accounts and periodical bills). In a study about language for specific purposes environments, Salager-Meyer (1991) revealed similar results when working with abstracts from medical journals (the author call them texts) and claimed how important the knowledge of previous texts is for the learner to achieve the formal schemata that define generic prototypes.

In the present study, it seems to be particularly significant that the “familiarity” with the subject matter shown by the learners while doing the activities was acquired without any previous incidence of direct input during the learning process, i.e. without any interference on the part of the teacher/institution or any conscious action on the learner’s part. How can this acquisition be accounted for?

One possible explanation can be found by going through some of the instances of the concept of genre; by choosing those that are more suitable to applied linguistics and language teaching. Ever since Bakhtin’s dialogical theorisation, the genres are seen as entities produced from the interior ‘insiders’ of a particular community, gathering a set of stable characteristics that are more easily understood in communicative action. In the meantime, despite some very specific particularities, each genre still shares with others a set of characteristics that can be of a linguistic, interactional, socio-cultural or other nature. Schryrer (2000:450) redefines genres as “constellations of flexible yet constrained resources, genres function as ... sets of strategies ... that agents use to mutually negotiate or improvise their way through time and space”. Other authors working with different approaches to the concept (e.g. Bhatia, Swales, Berkenkotter or Miller) share the idea that the individuality of each genre results from the sources it shares with an indefinite number of other genres. Most authors also accept that the restrictions imposed by each genre are not an obstacle to individual creativity. These are precisely the two generic characteristics that allow us to understand how the learners who had never experienced a particular genre show ability to access it. This new genre (in our particular case, the business-related subgenre) shares a part of the ‘constellation of strategies’ and previously known sources. It is this perspective of the genre that helps to see the acquisition of strategies in a specific domain as a process of genre acquisition. This is, at the same time, the best argument in defence of the text/genre-based approach in language teaching/learning, especially in the case of learners with needs and motivation in a specific domain.

In addition to genre knowledge and despite their relative poor proficiency, business-oriented participants achieved better productivity than Group B participants when using multiple themes (speaking and writing

activities), continuative themes (intention to command the rhythm of the interaction) and more appropriate awareness of MOOD and modality as well as of related linguistic devices.

The last noteworthy observation of this study is the decisive interference of motivational factors⁵ in the orientation of language acquisition of these learners. The importance of motivation in any learning process has been recognised before. In this study, however, it is very clear that motivation acts in a way that the learners' geo-linguistic characteristics and learning styles become secondary in this process of language acquisition. Takahashi (2000), who studied how motivation affects learners' attention in processing specific pragmalinguistic features, suggests that specific motivational factors and their strength are implicated in directing learners' attention to pragmatic goals. These findings are compatible with the main observations on motivation made in the present study and are supported by other studies (Schmidt, 2001) that try to provide evidence for the links between motivation and attention for the subsequent learning process and the learners' own production.

5. Conclusion

Although approaches based on genre have not been a common practice, and the topic of genre itself has no unanimous acceptance, experimental research has focussed on the influence of genre in text processing and comprehension. Besides, teachers make use of the concept in a practical way although they do not always mention it. The results of the present study support the idea that adult business-oriented approaches based on genre are more able to enhance the learning process of students in immersion. It can also be inferred that the field of study concerned with language teaching both as a mother tongue and a foreign language (not only for specific purposes), has to deal more with theory, research and application of the concept.

⁵ The present study follows Gardener's socioeducational model of motivation (Gardener & MacIntyre, 1993) although there are other solid options. Takahashi (2000) seeking analogous goals (in motivation issues as well in pragmatic devices) offers a remarkable model compatible with the neurobiological notion of motivation as stimulus appraisal and does not conflict with Gardener's model.

Data have shown that motivation has got a powerful effect in guiding learners' acquisition, namely that related to genre knowledge and socio-pragmatic devices.

Thus, bearing in mind these observations it can be argued that, right from the outset of the learning process, learners with a specific motivation to engage in business activities in the Portuguese-speaking countries would find it more beneficial to participate in programmes that guide their natural preferences towards a specific domain. However, for the same reason, the same learners would not benefit from the restrictive applications of a PSP programme.

References

- AKMAN, V. (2000): *Rethinking Context as a Social Construct*. *Journal of Pragmatics*, 32:743-759.
- BARDOV-HARLIG, K. and DORNYEI (1998): "Do language learners recognize pragmatic violations? Pragmatic v.s. grammatical awareness in instructed L2 learning". *TESOL Quarterly*, 32: 233-259.
- BAZERMAN, C. (1998): "Emerging perspectives on the many dimensions of scientific discourse". In J.R Martin and R. Veel, eds. *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London: Routledge: 15-28.
- BAZERMAN, C. (2000): "Singular Utterances: Realising Local Activities Through Typified Forms in Typified Circumstances". In A. Trosborg, ed. *Analysing Professional Genres*. Amsterdam: John Benjamins: 25-40.
- BERKENKOTTER, C. and T.N. HUCKIN. (1993): "Rethinking genre from a sociocognitive perspective". *Written Communication*, 10: 475-509.
- BERKENKOTTER, C. and T.N. HUCKIN. (1995): "Genre Knowledge in Disciplinary Communication". *Cognition/Culture/Power*. Hillsdale, N. J: Laurence Earl Baum: 1-25.
- BHATIA, V. K. (1993): *Analysing Genre Language Use in Professional Settings*. London: Longman.
- BROWN, P. and S.D. LEVINSON. (1987): *Politeness: Some Universals in Language Usage*. New York: Cambridge University Press.
- CARROLL, D. (2000): "Precision: timing in novice-to-novice L2 conversations". *Issues in Applied Linguistics* 11,1: 67-110.

- COOK, H. M. (2001): Why can't learners of Japanese as a foreign language distinguish polite from impolite speech styles? In K. R. Rose and G. Kasper, eds. *Pragmatics in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press: 80-102.
- EGGINS, S. and J. R. MARTIN. (1997): "Genres and Registers of Discourse". In Teun A. Van Dijk, ed. *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. London: Sage: 230-256.
- GIVÓN, T. (1979): *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- HALLIDAY, M. A. K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*. 2nd Edition. London: Edward Arnold.
- KELLER-COHEN, D. (1986): "Reading Periodic Bills". *AILA Review* 3: 61-70.
- MARTIN, J. R. (1985): "Language, Register and Genre". In F. Christie, ed. *Language Studies: Children's Writing*. Geelong: Deakin University Press Reader.
- MILLER, C. A. (1984): «Genre as Social Action». *Quarterly Journal of Speech* 70:155-167. Also in: A. Freedman and P. Medway, eds. (1994): *Genre and the New Rhetoric*, London: Taylor and Francis: 23-42.
- SALAGER-MAYER, F. (1991): "Reading Expository Prose at the Post-Secondary Level. The Influential of Textual Variables on L2 Reading Comprehension - A Genre- Based Approach". *Reading in a Foreign Language* 8: 645-662.
- SALSBURY, T. and K. BARDOV-HARLIG. (2001): "I know your mean, but I don't think so: Disagreements in L2 English". In L. F. Bouton, ed. *Pragmatics and language learning* (monograph series, vol.10: 131-151) Urbana-Campaign, IL: Division of English as an International Language. University of Illinois: Urbana-Campaign.
- SCHMIDT, R. (2001): "Attention". In P. Robinson, ed. *Cognition and Second Language Instruction*. New York: Cambridge University Press: 3-33.
- SCHRYRER, C. (1993): "Records as genre". *Written Communication* 10: 200-234.
- SWALES, J. M. (1990): *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAKAHASHI, S. (2000): "The effects of motivation and proficiency on the awareness of pragmatic strategies in implicit foreign language learning". Unpublished manuscript.

Marcadores de Controlo de Contacto: Uma Perspectiva da ACD*

Carminda Silvestre

* À Professora Leila Barbara (PUC-São Paulo), agradeço a leitura criteriosa deste texto. Inconsistências formais que restaram são da minha inteira responsabilidade.

Resumo

Com o presente artigo pretende-se contribuir para a expansão do estudo dos marcadores do discurso na língua portuguesa e evidenciar os marcadores de controlo de contacto com um recurso na construção de posições de sujeito (Fairclough 1989) em situações de reuniões empresariais. Este versará particularmente os Marcadores de Controlo de Contacto em situações especificamente profissionais – as reuniões nas empresas – e procurará identificar as suas diferentes potencialidades, não apenas como instrumento de coesão na criação de textura e coerência discursivas, mas essencialmente como estratégia discursiva na criação das posições de sujeito.

O *corpus* é constituído por quatro reuniões gravadas em quatro empresas portuguesas a partir do qual será analisado um conjunto de casos de forma a apresentar um conjunto amplo de funções desempenhadas por estes marcadores neste tipo de discurso.

O artigo está estruturado da seguinte forma: (i) apresentação – onde será feita uma aproximação aos marcadores do discurso; (ii) uma secção apresentando o contexto teórico e apresentando uma proposta de definição de marcadores de controlo de contacto; (iii) secção onde se analisa a distribuição e as propriedades funcionais dos marcadores de controlo de contacto em estudo; (iv) conclusões.

O enquadramento teórico do presente estudo é a Análise Crítica do Discurso, recorrendo à Gramática Sistémico-Funcional.

Introdução

Para Chouliaraki & Fairclough (1999) a questão de como dialogar e interagir com os outros é praticamente tão urgente nas sociedades denominadas pós-modernas como a questão de quem sou eu ou quem somos nós. De facto, as identidades como conceito analítico são constituídas também pelo que se diz e como se diz, sendo o discurso, entendido como produto ou como processo, eminentemente dialógico. Deste modo, considero que o gestor, o empresário ou quem quer que lidera uma reunião, está submetido

a pressões e constrangimentos para liderá-la de forma a negociar e construir a sua posição de sujeito na interação.

Neste trabalho, procederei à análise da realização e distribuição das propriedades funcionais do que classifico de Marcadores de Controlo de Contacto (MCC) como um recurso na construção de posições de chefia e também à discussão da sua relação com a forma como interage com o outro e, por conseguinte, constrói a posição de sujeito do seu interlocutor. Mostrarei por que os elementos estudados aqui estão distribuídos em dois tipos i) vocativo – “Roberto, o que é que tens aí por fazer?” ii) interjeição+vocativo – “[Ó Ó Ó] Raul, espera aí, espera aí” encontrados em quatro reuniões de diferentes empresas portuguesas.

Pretendo, assim, contribuir para a expansão do estudo dos marcadores do discurso na língua portuguesa e evidenciar o seu papel marcando o controlo de contacto, como um recurso na construção de posições de sujeito (Fairclough 1989) nessas situações de reuniões empresariais, procurando, portanto, identificar as suas potencialidades como instrumentos de coesão na criação da textura e coerência discursivas (Silvestre 2004), além da estratégia discursiva na criação das posições de sujeito.

O artigo está estruturado da seguinte forma: à presente introdução segue-se uma secção em que o tema é explicitado num contexto teórico, apresentando-se uma proposta de definição de MCC. Nas secções seguintes são analisadas a distribuição e as propriedades funcionais dos MCC em estudo, seguidas pelas conclusões finais. O enquadramento teórico do presente estudo é a Análise Crítica do Discurso, com o recurso à Gramática Sistémico-Funcional.

Os Marcadores de Controlo de Contacto

A presente análise de MCC baseia-se nas meta-funções de Halliday (1994), em Shiffrin (1987), Fraser (1990,1999), Bordería (2000), Portolés (2001) e em Kroon (1998) sobre as partículas do discurso do Latim. Kroon distingue três domínios ou níveis do discurso, como prefere chamá-los, os quais contemplam três tipos diferentes de relações de coerência que podem ser expressos por partículas do discurso.

A conversação é geralmente estruturada por pedaços ou unidades de fala que constituem segmentos funcionais e que os participantes reconhecem como ligados pela identificação das redes de conexão entre esses segmentos. Há marcadores que servem para organizar o sistema de tomada de palavra, o começo de um reparo, o início de um novo tópico, entre outros. Desta forma, no fluxo do discurso, o texto é organizado como um acto interactivo envolvendo o falante e o interlocutor. O falante adopta uma determinada posição de sujeito (Fairclough 1989) e, ao fazê-lo, determina uma posição complementar para o seu interlocutor e deseja que este a tome. Por exemplo, numa reunião, a pessoa que a lidera dirige-se a determinado interlocutor pedindo-lhe uma informação. Este, por sua vez, é implicado na situação de dá-la e as suas possibilidades de escolha são limitadas; exemplos são: dar a informação solicitada, recusar-se a dar a informação ou, através do uso de diferentes estratégias, modalizar a resposta. Da mesma forma, os falantes fazem uso de marcadores para chamar a atenção sobre aquilo de que se está a falar, mesmo que a tomada de palavra já esteja em curso. De facto, a vertente que se pretende evidenciar, através desta perspectiva, implica alguma elaboração relativamente ao conceito de poder.

Um critério usado por Schiffrin (1987), Fraser (1990), entre outros, para reconhecer os Marcadores do Discurso (MD) é a sua relativa independência da estrutura semântica do enunciado. Os MD não atribuem significado proposicional mas preenchem funções de procedimento. Nesta perspectiva, um marcador não modifica o conteúdo proposicional de um enunciado, e também é relativamente independente ao nível da sintaxe. Outros critérios para reconhecer os MD são a sua possibilidade de ocorrência no início ou final de frase e a frequente presença de uma pausa após o MD. Estes critérios são observáveis neste subgrupo de MD: os MCC.

Uma revisão da literatura sobre esses marcadores, à semelhança do que acontece com os MD, remete-nos para uma diversidade de classificações. Redeker (1990), por exemplo, classifica alguns como *okay?* ou *right?* como marcadores de estrutura pragmática. Hakulinen e Sepparen (1992), no estudo de *kato* em Finlandês, chamam-lhes partícula com a dupla função de chamada de atenção (*attention getter*) e de conector explicativo (*explanatory connective*). Trillo (1997) denomina-os instrumentos de chamada de atenção

(*attention-getting devices*). Erman (2001) classifica-os de monitores sociais (*social monitors*).

Numa outra perspectiva, Fraser (1990: 386) afirma que o significado da frase pode ser interpretado a partir de dois tipos de informação: conteúdo (i.e. proposicional) e pragmático, que assinala as intenções comunicativas do falante. Neste quadro, o autor distingue MD como um tipo de marcadores pragmáticos explicativos (*commentary pragmatic markers*),¹ distinto de outras classes de marcadores pragmáticos. A subclasse em análise é classificada de marcadores pragmáticos de paralelismo (*parallel pragmatic markers*) que não são considerados MD. O autor coloca a questão da seguinte forma:

Discourse markers must be distinguished as well from another group of expressions with which they are often confused – what are known as interjections (...) nor are discourse markers the same as vocatives, a class of parallel pragmatic markers which typically occur in utterance-initial position. Fraser (1990: 391)

Contrariamente a Fraser (1990), defendo que estes marcadores deverão ser integrados na classificação mais abrangente de MD, como passarei a justificar.

Antes de entrar na análise da distribuição funcional dos MCC, será proveitoso sumariar algumas das propriedades formais e estruturais que permitem a sua inclusão na categoria de MD. Como referi anteriormente, há alguns critérios para o reconhecimento dos MD:

1. independência da estrutura semântica do enunciado;
2. posição típica de início do enunciado, embora haja ocasiões em que ocorrem no fim ou no meio do enunciado;
3. ocorrência frequente de uma pausa depois do marcador;
4. ausência de criação de significados, mas são orientadores na clarificação da intenção comunicativa do falante.

Os Marcadores de Controlo de Contacto na meta-função interpessoal do discurso

Como vimos, os estudos desenvolvidos sobre MD mostram que estes servem várias funções pragmáticas simultaneamente a diferentes níveis

(Schiffrin 1987; Fraser, 1990, Kroon, 1998, entre outros). Lembramos que a meta-função interpessoal diz respeito à linguagem na sua função de estabelecer e manter as relações interpessoais entre os interlocutores. No âmbito do enquadramento teórico proporcionado pela teoria Hallidayana e considerando as três meta-funções da linguagem, os MD do tipo MCC estudados neste trabalho inscrevem-se no sistema da meta-função interpessoal. São os marcadores com função de assinalar um movimento comunicativo numa troca interaccional e, por conseguinte, estabelece as posições dos interlocutores na interacção.

Chodorowska (1997), no seu estudo sobre a função de delicadeza de *me entiendes?* em espanhol, classifica este marcador como um MD interpessoal, mostrando a sua semelhança com marcadores do discurso em hebraico e inglês. Para isso usa exemplos em hebraico correspondentes ao marcador acima enunciado – tirados de Maschler (1994) que os denomina marcadores interpessoais – também com processos mentais de percepção como em *at mevina?* ‘[do]you understand?’, *at yoda* ‘at you know’.

Dada a natureza conceptual dos verbos “ver”, “saber” ou “compreender” e “entender”, podemos suspeitar que os seus usos secundários sejam semelhantes em certos contextos. Sweetser (1990: 8) observa que “English speakers use *see* to mean ‘know’ or ‘understand’”. Esta mesma ocorrência observa-se na língua portuguesa, com o uso não canónico de “entendes?”, “estás a ver?” e “compreendes?”. Como nas outras línguas referidas, trata-se de verbos mentais que funcionam para estabelecer relações interpessoais.

Portolés cita Briz para explicar estes marcadores:

[...] manifiestan la relación entre los participantes de la conversación, sujeto y objeto de la enunciación, y de éstos con sus enunciados, [...] refuerzan o justifican los razonamientos de los hablantes ante su(s) interlocutor(es), sean argumentos o conclusiones; bien como retardos en la comunicación; como llamadas de atención para mantener o comprobar el contacto; o como fórmulas exhortativas y apelativas que implican activamente al interlocutor.

(Portolés 2001: 145)

Portolés defende que estes marcadores admitem algumas variações morfológicas e também algumas possibilidades combinatórias, mas não têm

liberdade sintáctica ou de flexão; eles captam a atenção do interlocutor. Este autor não prossegue o estudo dos MCC para além da explicação acima.

Marcadores de Controlo de Contacto: Propriedades Distributivas e Funcionais

1. Vocativos materializados nos nomes

Qualquer tipo de elemento linguístico varia dependendo do contexto de situação, como, por exemplo, uma pergunta quando proferida num tribunal ou numa sala de aula ou numa reunião informal. Tendo isso em conta, a responsabilidade da gestão da reunião (tempo, relações interpessoais, metas, etc.) é do presidente que no seu discurso poderá usar com maior frequência estes marcadores, conforme passo a descrever a partir dos exemplos no texto.

No texto 1, o chefe de vendas (Paulo) está a presidir a uma reunião, ao início de um dia de trabalho, com o pessoal que constitui o grupo de vendas, cujo objectivo é avaliar as vendas.

Texto 1

- Paulo: PARTNER, (palavra incompreensível) nada. **André.**
 André: Não tenho nada... por enquanto.
 Paulo: **Albino Martins.**
 Albino: Eu só tenho três, mas ainda não dei para assinar. Portanto, não tenho aqui.
 Paulo: Não tenho nada teu.
 Albino: Não, eu tenho um: só tenho três 206, dois comerciais e um: NISSAN.
 Paulo: Não tenho nada aqui... **Ana.**
 Ana: ah tens dois, quatro 206 a gasolina
 Paulo: [Portanto, um XT, sim, um XT 1.400]
 Ana: um XS com tecto de abrir, quartzo.
 *** **
- Paulo: (tosse) **Roberto**, o que é que tens aí por fazer?
 Roberto: Tenho aí algumas coisas mas anda tudo, ninguém dá respostas nenhunas. Eu tenho um negócio de um 206 que está praticamente feito, entretanto. Ah... tenho esse que também acho consigo fazer que é aquele do 406 que eu te falei que eu lá fui ver ontem.

A análise das palavras a negrito evidencia que o chefe de vendas, no sentido de dar alguma unidade sequencial ao seu discurso, usa os nomes das pessoas que lhe interessa interpelar. A alternância, por conseguinte, o posicionamento entre os membros intervenientes na reunião, resulta das escolhas do falante que o chefe faz; essas escolhas são realizadas pelo uso de vocativos sob a forma dos nomes. Este primeiro grupo preenche a função de **chamar** ou **nomear** a pessoa específica, para esta dar ao locutor a informação de quantos carros foram vendidos até à data. Interpreto todos estes usos como tendo uma função interactiva: o nome é, assim, um apelo ao interlocutor. Deste modo, o supervisor pergunta a Roberto explicitamente quantos carros o interlocutor tem por vender e, quando dirige a palavra a Ana, André e Albino Martins, por outro lado, a questão é feita através de uma estratégia holofrástica, i.e., através de uma frase gramaticalmente não estruturada, onde o locutor apenas profere o nome. É claramente percebido por todos os interlocutores que quando o supervisor diz: “Ana”, o que ele pretende dizer é “Ana, [quantos carros tens por vender?]. Ao usar esta estratégia, o locutor determina a posição complementar do seu interlocutor: responder, ou seja, dar-lhe a informação solicitada. Isto significa que as posições de sujeito estão associadas a actividades particulares de tal forma que são expectativas de senso comum acerca do que constitui um comportamento normativo.

No contexto das reuniões empresariais, a distribuição da posição das funções dos nomes em análise mostra que a maior ocorrência é no início de frase, apesar de se encontrarem ocasionalmente ocorrências em final de frase.

Estes marcadores são usados para organizar o sistema de tomada de turno, e, é minha convicção, como observadora das reuniões, que é uma estratégia usada pelos responsáveis das reuniões para nelas evitar perdas de tempo.

2. Interjeição + Vocativo

Para dar uma maior ênfase ao chamamento ou nomeação, é usado o pré-vocativo através do uso de uma interjeição, como nos exemplos:

- é pá, ó Paulo
- ó ó Raul

O uso de “pá” em português é bastante informal (ver texto 2) e é usado apenas na linguagem oral. É provavelmente uma redução do item lexical

rapaz. Parece-me que o uso de “pá” representa um processo de gramaticalização (Traugott 1995) que alguns marcadores sofreram, consistindo este numa recategorização, neste caso específico, de um nome para uma partícula. Alguns outros exemplos deste processo ocorrem no meu *corpus* e também estão incluídos nos MCC. É o caso de alguns verbos mentais conceptuais e de percepção que se tornaram partículas. Contudo, o estudo destes não será desenvolvido no âmbito do presente artigo.

Chamo a atenção para a posição do uso de “é pá”. No texto 3, nas falas de Paulo, em que “é pá” toma a posição interna na frase, mas também é observada a posição inicial da frase.

Estes marcadores, tanto em posições internas como em posições iniciais, expressam o início de uma repreensão. Essa também é a propriedade funcional de “ó ó ó Raul” no texto 4.

Texto 2

- Paulo: (1/2) Pois... (tosse) **André**.
 André: Diz.
 Paulo: Oh! Não estipulei objectivos?
 André: ãm?
 Paulo: Não estipulei objectivos?! Estás muito distraído, **pá!**
 André: (completamente fora do contexto) Estipulaste objectivos?
 Paulo: Não estipulei objectivos e andas muito distraído?!
 André: Não, não acho nada distraído.
 Paulo: **Albino....Albino**.
 Albino: Perdi um bocadinho o gás e estas férias fizeram-me mal. Mas ando aí com negócios por fechar, coisas para fazer.
 Paulo: (dirige-se ao Roberto com ar sarcástico)
Roberto, precisas de tempo?
 Roberto: Não.

O uso de “é pá” tem a mesma função de uso do nome, como se pode observar no texto seguinte.

Texto 3

- Paulo: Ele ficou de dizer alguma coisa?
- Albino: É. Ele ficou de dizer hoje. Ficou de confirmar com o José. Pelo menos ficou de falar comigo hoje. Ah...agora se calhar não vamos conseguir matricular todos este mês. Ele apontou aí para uns cinco, que era para deixar dois para matricular para o mês que vem.
(2) (ouve-se o barulho de uma fotocopiadora)
- Albino: Mas, às tantas depois de estarem lá...aquilo..
- Paulo: Mas é que eu não tenho hipótese em –
Ah, para ser em dois meses, fico eu com os carros. Mais alguma coisa para vocês?
(1) Portanto, em relação a esses carros, é pá, tens que dizer a ele que não dá para ficar para o mês que vem. Eu, em dois meses, vendo eu os carros. São dois carros...ora temos ali quantos? Dois?
- Albino: oito
- Paulo: oito, não é?
- Albino: É que tem carros repetidos. Repetidos, quer dizer, por exemplo, tem... dois XT 1.100 pretos.
- Paulo: É pá, tem que se escolher
- Albino: e eu não queria ficar com aqueles todos iguais. Ah...mas de qualquer modo eu insisti com ele que (fala incompreensível)
- Paulo: Tens que ir ver isso.
- Albino: eu insisti com ele
- Paulo: Tens que ir ver isso. Mas confirma lá, mas confirma mesmo, porque senão não vale a pena. Ele estar a confirmar as coisas dessa forma. É pá, deixa de Ter interesse para nós. Não vale a pena estarmos ah... senão limita-se o número de veículos por dois meses e a nós dá quatro meses, não é? e não nos custa nada a nós.

No texto 4, enquanto falavam acerca das campanhas de marketing em alguns lugares públicos, e depois do director ter avisado que não podiam alterar a agenda, o vendedor, Raul, insistia em dar desculpas para a sua dificuldade em concretizar as tarefas que lhe eram pedidas. Neste contexto, o uso repetido por três vezes da interjeição “ó” funciona como uma estratégia para interromper o interlocutor. Uma vez tomada a palavra, este marcador expressa o início da repreensão, como mencionado anteriormente.

Texto 4

- Sérgio Paulo: [Mas aí mesmo que haja xxxx (nome do teatro) com as queimas das fitas ou não sei quê, **NÃO PODEMOS ALTERAR, TEMOS QUE MARCAR E TEMOS DE CUMPRIR** não não
- Raul: Agora no sábado que vem estou de serviço. No outro tenho um casamento. Já alterei o sábado com o Esteves precisamente por isso (2) Só se formos para daqui a...
- Sérgio Paulo: [**Ó Ó Ó**] **Raul**, espera aí, espera aí. A campanha não é TUA. A campanha é da empresa e é do 306 e não podendo ires tu e havendo possibilidade de haver aqui partilha de tarefas com colegas, não tem que ser trabalho feito sozinho por ti.
- Raul: Claro.
- Sérgio Paulo: Certo? Okay? Aliás, quantos carros é que já vendeste da campanha?
- Raul: Um.

O uso do título também se observa em contextos mais formais, como mostra o texto 5, excerto da reunião 3. Também neste exemplo, o uso da interjeição seguido do título e com o respectivo conteúdo proposicional tem a função de uma repreensão.

Texto 5

- Dra. Marisa: Mas por enquanto estão fora do processo?
- Dr. Nogueira: Eh..eles estão fora do processo..estão fora do processo, isto aqui há duas, há duas hipóteses portanto...mas eu não gosto de falar por aquilo que não sei, quer dizer, há duas hipóteses ou existe relativamente a este consó., um consórcio que englobe estas pessoas que eu estou a (palavra imperceptível) e depois eles mais a associação industrial enquanto é uma entidade que gerem (imperceptível) gerem o espaço todo, e a câmara tem que ter uma fatia como é óbvio, não é, nessa gestão tem uma palavra a dizer, a câmara também tem que
- Dr. Pedro Nunes: Mas, **ó Dr.**, não é não é eles.. o consórcio mais a associação industrial que estão dentro [imperceptível] (falam os dois homens ao mesmo tempo)

- Dr. Nogueira: [(imperceptível)] tem que falar com eles, tem que perguntar-lhes (continuam a falar ao mesmo tempo)..falou com o presidente da câmara até pode ser que eles tenham outra outra ideia
- Dr. Pedro Nunes: Por isso é que eu estou a ..porque.. ou é assim ou então.. as coisas não funcionam dessa..

Pelo que acabei de descrever, penso ter demonstrado que os MCC são marcadores do discurso, uma vez que ajudam a coordená-lo, a organizá-lo. Mas, enquanto estruturam o discurso, também realizam a dupla função da criação de posições de sujeito. As suas funções apenas podem ser determinadas em relação aos participantes em contextos específicos.

Conclusões

A perspectiva aqui apresentada, da Análise Crítica do Discurso, acrescenta uma outra forma de olhar os Marcadores do Discurso para além da perspectiva semântica de coesão de Halliday e Hasan (1976), da perspectiva de Análise do Discurso de Schiffrin (1987) e da perspectiva pragmática de Fraser (1999).

A partir da análise efectuada, é possível estabelecer alguns padrões de uso dos MCC em relação às suas propriedades funcionais e de distribuição dentro de um tipo específico de conversação: as reuniões nas empresas. Assim, pode-se seguramente afirmar que os MCC são marcadores com potencialidades diferentes não só na criação da coerência, mas também na criação de posições de sujeito. De mencionar são: (i) os vocativos, materializados nos nomes e formas pronominais, organizam a tomada de turno; determinam posições complementares de sujeito e evitam a perda de tempo nas reuniões; (ii) a interjeição + vocativo expressa o início de uma repreensão e também interrompe o interlocutor para lhe dar uma repreensão.

As escolhas feitas para a tomada de turno evidenciam que a reunião é conduzida da forma que o chefe quer. Os marcadores de discurso mostram isso. O chefe constrói a sua posição de sujeito pela forma como constrói o seu próprio discurso. Ele tem autoridade. O fraseado usado na construção da interacção mostra que ele é o chefe. As formas de tratamento específicas

materializadas em marcadores discursivos carecem de um estudo mais detalhado para identificar possíveis tipologias de liderança.

Bibliografia

- BORDERIA, Salvador Pons. (2000): "Los Conectores". In A. Briz e Grupo Val..Es.Co..*Como se comenta un texto coloquial?* Barcelona: Editorial Ariel.
- CHODOROWKA, Marianna. (1997): "On the polite function of *me entiendes?* In Spanish". *Journal of Pragmatics* 28, 3: 355-371.
- CHOULIARAKI, L. and N. FAIRCLOUG. (1999): *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ERMAN, Britt. (2001): "Pragmatic markers revisited with a focus on *you know* in adult and adolescent talk". *Journal of Pragmatics* 33, 9: 1337-1359.
- FAIRCLOUG, Norman. (1989): *Language and Power*. New York: Longman.
- FRASER, Bruce. (1990): "An approach to discourse markers". *Journal of Pragmatics* 14, 3: 383-395.
- FRASER, Bruce. (1999): "What are discourse markers?". *Journal of Pragmatics* 31,7: 931-952.
- HAKULINEN, Auli and Eeva-Leena SEPPÄNEN. (1992): "Finnish *kato*: From verb to particle". *Journal of Pragmatics* 18, 6: 527-549.
- HALLIDAY, M.A.K. and Ruqaiya HASAN. (1976): *Cohesion in English*. London: Longman.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985): "Systemic Background". In Benson, James and Greaves, William, eds. *Systemic Perspectives on Discourse*. Vol.1. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- HALLIDAY, M.A.K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª edição. London: Edward Arnold.
- KROON, Caroline. (1998): "A framework for the description of Latin discourse markers". *Journal of Pragmatics* 30, 2: 205-223.
- PORTOLÈS, José. (2001): *Marcadores del Discurso*. Barcelona: Editorial Ariel.
- REDEKER, Gisela. (1990): "Ideational and pragmatic markers of discourse structure". *Journal of Pragmatics* 14, 3: 367-381.

- SCHIFFRIN, Deborah. (1987): *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVESTRE, Carminda (2004): “Discourse markers as text creating devices in business meetings”. In David Banks, ed. *Text and Texture, Systemic Functional viewpoints on the nature and structure of text*. Paris: L’Harmattan: 633-644.
- TRILLO, Jesús Romero. (1997): “Your attention, please: Pragmatic mechanisms to obtain the addressee’s attention in English and Spanish conversations”. *Journal of Pragmatics*, 28, 2: 205-221.

**Para a Identificação de uma Matriz
Linguística no Uso de Estrangeirismos
na Língua Portuguesa**

Madalena Dias Teixeira

Resumo

A entrada de palavras estrangeiras na língua portuguesa é uma realidade linguística que pode ser observada tanto na forma adaptada, como na sua forma original. Por tal motivo, isto é, a existência de formas adaptadas e originais para uma mesma denominação “estrangeirismo” constitui um dos pontos problemáticos na própria definição linguística do termo. Trata-se, todavia, de uma questão pouco trabalhada na bibliografia disponível em que o consenso entre os diversos investigadores está longe de ser alcançado.

As querelas a que os portugueses já tiveram oportunidade de assistir, através da imprensa oral e da imprensa escrita, podem ser, por vezes, condutoras a atitudes de um conservadorismo radical, chegando “alguns” falantes a considerar que a Língua Materna está a ser descaracterizada, sob o pretexto de uma evolução e de uma necessidade que são quiméricas. Acrescentam, inclusivamente, que essa atitude culminará numa perda de identidade irreversível, uma vez que poderemos deixar de (re)conhecer o que é realmente um vocábulo português.

O trabalho em questão pretende fazer uma breve referência ao *status quaestionis*, tomando, empiricamente, o tratamento do uso de *estrangeirismos* nos processos de comunicação, nomeadamente em três sectores de actividade onde este tipo de matriz linguística é mais abundante: *Gastronomia, Economia e Publicidade*. Para além de uma categorização dos mesmos, no sentido de saber os que foram adoptados na sua forma original (o.), os que foram adoptados na sua forma original, mas que possuem uma expressão portuguesa de sentido equivalente (o.s.e.), os que já possuem um termo linguístico português equivalente (t.e.) e, por último, os que já foram aportuguesados (aport), proceder-se-á a uma breve explanação da temática e à ilação de algumas conclusões.

0. Nótula Introdutória

O caminho do empréstimo lexical de outras línguas para a língua portuguesa constitui um amplo debate entre linguistas (pena, no entanto, que poucos trabalhos tenham sido realizados neste domínio) em virtude da definição epistemológica do próprio termo estrangeirismo. Reside, então, a dificuldade em se considerar se estrangeirismo é apenas a forma original da língua de origem ou se, também, a forma adaptada poderá ter esta denominação. As “querelas” a que, por vezes, os portugueses já tiveram oportunidade de assistir, através da imprensa oral e da imprensa escrita, podem ser, por vezes, condutoras a atitudes de um conservadorismo radical (vulgo “puristas da língua”), chegando essas mesmas posturas a considerar que a língua materna, neste caso a língua portuguesa, está a ser descaracterizada e que uma atitude permeável ao empréstimo lexical poderá culminar numa perda de identidade irreversível, uma vez que poderemos deixar de (re)conhecer o que é realmente um vocábulo originariamente português. Na verdade, as mudanças ocorridas na interacção verbal numa determinada comunidade linguística, devem-se a necessidades pragmáticas de comunicação, num sentido bidireccional, pois elas não são “mais do que a actividade habitual da fala” (Paul, 1966: 40). Assim, cada falante é, naturalmente, portador de alguma liberdade linguística, permitindo-lhe, essa mesma liberdade “transformar” e criar todo um conjunto de palavras de acordo com os seus hábitos e vivências. A grande riqueza das línguas naturais reside, essencialmente, no fenómeno da sua (auto)criatividade e na sua capacidade transformadora, dinâmica e evolutiva (atente-se que os *estrangeirismos* existentes e consagrados na língua portuguesa, e em outras línguas, são, sem dúvida, um dos casos mais sintomáticos de alterações e mudanças linguísticas). É de sublinhar, todavia, que essa suposta “criação” linguística surge, muitas vezes, da quebra de fronteiras entre o discurso escrito e o discurso oral e /ou por analogia à existência de outros vocábulos.

Sendo uma língua um sistema onde, naturalmente, confluem alterações internas (fruto do próprio devir linguístico) e mudanças de cariz extra-linguístico, há, por um lado, tipos de textos e, por outro, necessidades de ordem externa à língua que promovem, indubitavelmente, a difusão de estrangeirismos. A título, somente, ilustrativo é, assaz, curioso, o fortíssimo papel

da publicidade, uma vez que ela própria vive de palavras como *Out-door*¹, *Muppy*², *Sponsoring*³, entre tantas outras, ou até mesmo, as banais compras de mercearia, com o “evoluir” do tempo, passaram a realizar-se em superfícies construídas por grandes grupos económicos⁴ – os “supermercados”⁵, em que as despesas vêm registadas no *ticket*⁶ para posterior verificação da dona de casa (não fosse esquecer o *Ketchup*⁷, a *Pizza*⁸, e a *Bavaroise*⁹). O sector empresarial revela-se, igualmente, recheado de uma panóplia de palavras oriundas de outras línguas: desde o banal *Take-over*¹⁰ que as grandes empresas praticam sobre as P.M.E.¹¹, passando pelo *Over-draft*¹² permitido pelos bancos a alguns clientes considerados especiais, até aos *Test-drive*¹³ realizados pelas concessões de automóveis (no caso dos automóveis até é possível individualizar os veículos T.T.¹⁴ com os seus *Road-book*¹⁵ para que se desfrute de um agradável passeio *Off-road*¹⁶).

¹ Palavra inglesa que designa um tipo de painel de rua.

² Unidade lexical do inglês que designa um tipo de mobiliário urbano onde se afixa publicidade.

³ Palavra de língua inglesa que significa o patrocínio de uma determinada actividade.

⁴ Como exemplo, temos o grupo Jerónimo Martins que é detentor de “supermercados” como o *Pingo Doce* e o *Jumbo*.

⁵ Palavra oriunda do inglês *Supermarket*.

⁶ Papel de registo dos produtos e dos respectivos preços.

⁷ Vocábulo de língua inglesa para designar um tipo de molho de tomate.

⁸ Palavra da língua italiana que designa um “prato” da gastronomia daquele país.

⁹ Vocábulo de língua francesa que designa um tipo de doce.

¹⁰ Palavra de origem inglesa para designar uma apropriação hostil a uma pequena Empresa por parte de uma grande Empresa.

¹¹ Sigla de Pequenas e Médias Empresas.

¹² Palavra inglesa que significa o limite de crédito utilizado abaixo do saldo positivo numa conta corrente bancária.

¹³ Unidade lexical inglesa que significa o ensaio dinâmico de um veículo.

¹⁴ Sigla de veículos *Todo Terreno* – Jipes.

¹⁵ Palavra inglesa que designa o mapa de trajecto que contém informações adicionais necessárias a um passeio de Jipe.

¹⁶ Palavra inglesa que significa fora de estrada e que está associada à prática desportiva *Todo Terreno*.

O contexto apresentado torna-se conducente à ponderação de algumas questões, no que concerne à língua portuguesa. Usar-se-ão, de facto, palavras estrangeiras, habitualmente, em diferentes sectores de actividade? Actualizar-se-ão esses termos linguísticos na sua forma original, ou, pelo contrário, evidenciarão “alguma nacionalização”? Haverá necessidade de esse uso?

1. A Pesquisa: um Breve Estudo de Caso

1.1. Algumas Questões Metodológicas

Este texto, numa primeira fase, tem como objectivo principal verificar o uso de *estrangeirismos* nos processos de comunicação em diferentes sectores de actividade, pelo recurso à análise de revistas da especialidade dos vários sectores em análise (Economia, Gastronomia e Publicidade), que, para além, de servirem de base de demonstração, também poderão servir para reforçar a ideia de que é a frequência do uso que contribui para uma eventual normatização do empréstimo lexical.

O sector da *Economia*, também designado como *sector um*, tem como fontes as revistas *Executive Digest* e *Exame*. Do sector da *Gastronomia*, denominado como *sector dois*, são fontes as revistas *Teleculinária*, *Mulher Moderna na Cozinha* e *Segredos de Cozinha*. As revistas *Meios & Publicidade* e *Marketing & Publicidade* servem de fonte de pesquisa para o sector relativo à *Publicidade*, também designado *sector três*. Está, deste modo, apresentado o *corpus* desta investigação (surgindo no final do texto, em anexo, por motivos metodológicos).

Após a análise das fontes, procedeu-se ao tratamento dos elementos recolhidos, através dos seguintes passos metodológicos: primeiro, observando-se a origem das palavras, através da identificação da língua a que pertence cada vocábulo e, num segundo estágio, procedeu-se à categorização dos mesmos. Essa organização tipológica dos vocábulos compreende quatro pontos essenciais: palavras que são utilizadas na língua portuguesa na sua forma original e para as quais não se conhece tradução (o.); palavras que se usam na forma original, existindo, contudo, uma expressão/expressões com sentido equivalente (o.s.e.); palavras que, embora tenham termos equivalentes (t.e.), continuam a utilizar-se na sua forma de origem e, por último, palavras

que são de origem estrangeira, mas que sofreram um “aportuguesamento” (aport.).

Queria, apenas, deixar uma breve nota de que a escolha de sectores como a *Economia*, a *Gastronomia* e a *Publicidade*, para esta análise, limitam-nos informação oriunda de outras áreas como é o caso da Saúde, do Vestuário, da Informática, entre outras que poderiam revelar-se de igual importância. A escolha de um *corpus* e a sua representatividade constitui sempre um dos múltiplos problemas que se coloca a todo o linguista seja qual for o tipo de temática que esteja a trabalhar.

1.2. Origem das Palavras (sentido restrito)

A análise do *corpus* permite verificar que a convivência de palavras estrangeiras com as palavras, originariamente, da língua portuguesa são uma realidade. Conveniente destacar que a presença de anglicismos se revela de inegável representatividade nos sectores da *Economia* e da *Publicidade*, uma vez que, como se pode observar nos gráficos um e dois, ocupam noventa e oito por cento (98%) e noventa e cinco por cento (95%) do total dos elementos recolhidos:

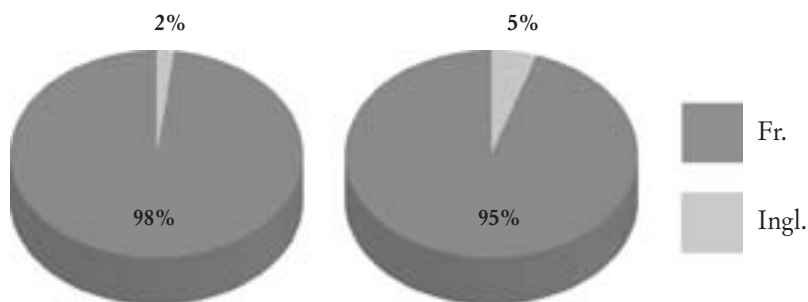


Gráfico 1 – Economia

Gráfico 2 – Publicidade

O facto da *Economia* ser uma área de interesse internacional e os Estados Unidos da América serem uma das maiores potências económicas mundiais são, em meu entender, aspectos que se reflectem vincadamente na macro e micro economias portuguesas e, conseqüentemente, neste aspecto da língua portuguesa. Curioso, por exemplo, o destaque dado, aos índices internacionais de *Dow Jones* e *Nasdaq*, por Paulo Santos (analista económico)

num artigo¹⁷ dedicado à economia portuguesa. A par desta situação, e relativamente à *Publicidade*, temos “a caixa que mudou o mundo”¹⁸ e o desenvolvimento da imprensa, que em simultâneo com o desejo de convencer o público consumidor, com fins lucrativos ou não, foram os facilitadores e impulsionadores da incrementação da já referida *Publicidade*. Este terá sido um *leit-motiv* para que, inclusivamente, se homologassem¹⁹ *curricula* portadores das mais recentes e inovadoras técnicas persuasivas. Foi precisamente este contexto que facilitou a importação de palavras estrangeiras, concretamente de anglicismos, para a língua portuguesa, uma vez que, segundo Nelson Gomes²⁰, é nos países onde se fala a língua inglesa que se encontram os estudos mais avançados sobre o referido sector.

Ainda de salientar, nestas duas áreas, que embora o inglês seja a língua dominante, o francês também deixa as suas marcas, ainda que mostre uma influência com fraca expressão – *Economia* dois por cento (2%) e *Publicidade* cinco por cento (5%). A área da *Gastronomia*, ao contrário do que acontece nas outras áreas em análise, evidencia, sem grandes dúvidas, os laços que a unem à língua francesa, como se pode verificar através do gráfico seguinte:

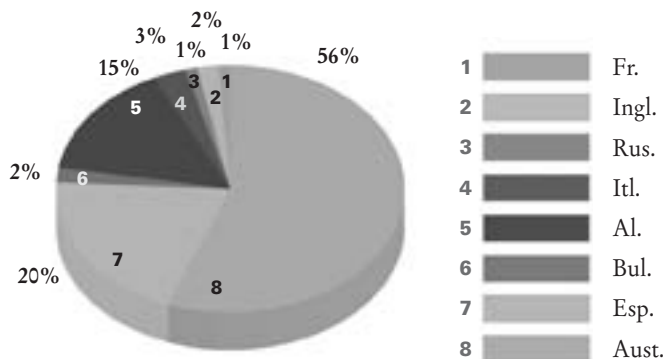


Gráfico 3

¹⁷ Artigo da Revista *Visão* publicada em 1 de Agosto de 2002.

¹⁸ *Slogan* comemorativo de um aniversário da RTP1 e que ainda hoje perdura.

¹⁹ A primeira Licenciatura (*Curso Superior de Relações Públicas e Publicidade*) foi homologada ao *Instituto Nacional de Novas Profissões* através da Inspeção do Ensino Particular, por despacho ministerial em *Diário do Governo*, a 20 de Março de 1972. (Informação fornecida pelo Ministério da Educação a 28/08/2002).

²⁰ Eng.º da Publicidade da empresa *Sino*, no Porto.

Pode, ainda, verificar-se, pela observação deste gráfico, da existência de um leque mais variado quanto à origem das palavras. Assim, temos os vocábulos de origem francesa que têm um peso de cinquenta e seis por cento (56%), seguidos dos provenientes da língua inglesa com vinte por cento (20%) e dos de língua italiana com quinze por cento (15%). A língua alemã tem uma presença de três por cento (3%) e os vocábulos de língua espanhola e de língua russa ocupam apenas dois por cento (2%) do *corpus* recolhido neste sector. Um por cento (1%) é o resultado dos vocábulos encontrados de origem das línguas de dois países: Áustria e Bulgária.

Na análise empreendida e na verificação de alguns dos resultados, não nos podemos esquecer que “...usurpando vocábulos, que ôs fez máis elegantes do que foram óra «h» á çincoenta annos.” (Barros, 1969:84), também revelamos notoriedade. Repare-se, ainda, que por algum motivo, Eça de Queirós²¹, para além da utilização de inúmeros vocábulos de origem inglesa, reservou a utilização de elementos da língua francesa para “assuntos” relacionados com a “cozinha”, por exemplo. Tais argumentos, servem, apenas, para provar (ou reiterar) o facto de o caminho do empréstimo de um vocábulo ter motivações várias (nomeadamente sociais, naturalmente, questões de prestígio).

A diferença entre os resultados obtidos entre o sector dois e os sectores um e três não reside somente nas variações de utilização entre *anglicismos* e *galicismos*, mas também no facto de podermos verificar, no sector dois, a importação vocabular efectuada a outras línguas, como é o caso do russo, do austríaco, do alemão e do italiano.

1.3. Cateorização dos resultados

Ao categorizar os elementos constituintes do *corpus*, verificou-se que, embora a utilização de termos originais (o.), para os quais a norma ainda não reconheceu nenhuma forma, seja uma constante dentro dos três sectores observados. É na área da *Publicidade* (57%) e na da *Gastronomia*

²¹ Veja-se a este propósito a obra *Os Maias* já citada neste trabalho.

(55%) que mais se faz sentir essa situação:

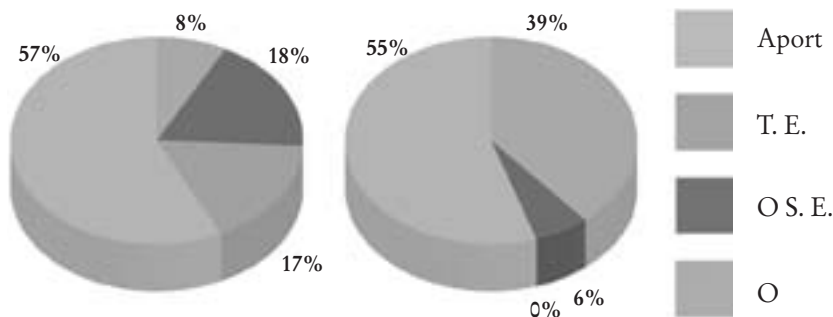


Gráfico 4 – Publicidade

Gráfico 5 – Gastronomia

Será que perante estes resultados é lícito pensarmos que a língua portuguesa é um código que se revela insuficiente face às necessidades sentidas pelos seus utilizadores? Não esqueçamos a polémica sentida entre puristas e renovadores do léxico, quando da publicação de alguns dicionários, nomeadamente, o *Dicionário de Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa que veio legitimar muitas das já referidas necessidades. Note-se, contudo, que muito embora a necessidade do falante seja um factor determinante para a renovação lexical, e conseqüente entrada de estrangeirismos, é de salientar que a existência de Termos Equivalentes (t.e.) também nos faz reflectir não só sobre a frequência dos resultados obtidos, mas, ainda, acerca do grau da já referida necessidade do falante.

Se podemos encontrar nas três áreas analisadas termos equivalentes, então, o uso de *estrangeirismos* reflecte, dentro de cada sector, uma questão de “modismo” e que, por variadas razões, melhor poderá servir o desempenho dos agentes destes sectores de actividade. O sector onde se verifica menor número de termos originais (o.) – trinta e sete por cento (37%) –, como se pode verificar através do gráfico número seis (6), também é o mesmo onde se observa o registo de maior número de termos equivalentes (t. e.) – cinquenta e dois por cento (52%) – na língua portuguesa – A *Economia*:

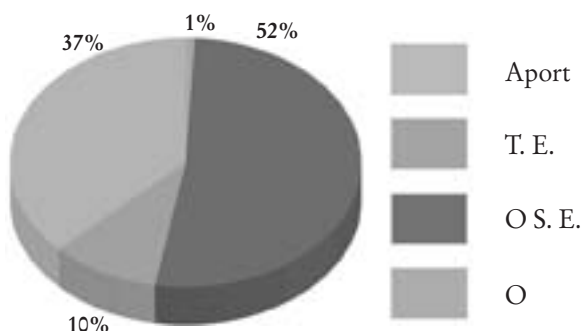


Gráfico 6 – Economia

Neste ponto coloca-se a questão de saber se o uso surge por necessidade, por moda, por imitação, por *snobismo* ou por simples inevitabilidade. Estou em crer que o uso de *estrangeirismos* surge por um conjunto de factores que acabam por culminar na inevitabilidade. Por razões diversas, o termo linguístico de origem linguística estrangeira adquire uma dimensão de maior impacto na situação de comunicação, seja escrita, seja oral: ou porque o receptor leu/ouviu uma palavra que lhe é desconhecida e a mensagem é afectada, ou porque leu/ouviu uma palavra que se traduz em sinónimo de instrução, de saber ou de cultura. No sector da *Publicidade* a situação é inversa à que se verificou no sector da *Economia*, pois a utilização de termos originais (o.) evidencia maior ocorrência – cinquenta e sete por cento (57%) – do que a utilização de termos equivalentes (t. e.) – dezoito por cento (18%). Não posso afirmar, por questões de alguma cautela, que neste sector, face aos resultados obtidos, só se utilizam *estrangeirismos* quando necessário, pois embora os termos equivalentes (t. e.) se verifiquem em menos de metade do nível percentual obtido pelos termos originais, estes revelam um resultado significativo dentro do universo recolhido.

A área da *Gastronomia* fica mais próxima da área da *Publicidade*, uma vez que evidencia uma diferença ainda maior entre as duas categorias em questão, tendo os termos originais (o.) cinquenta e cinco por cento (55%) e os termos equivalentes (t. e.) seis por cento (6%). A grande diferença entre este sector e os restantes reside no número de vocábulos “aportuguesados” (aport.), isto é, vocábulos de origem estrangeira, mas que já sofreram uma adaptação à língua portuguesa, tendo atingido um total de trinta e nove por

cento (39%). A *Publicidade* e a *Economia* revelam oito por cento (8%) e um por cento (1%), respectivamente. Ainda de salientar que, no sector dois, a utilização de termos originais e a utilização de termos “aportuguesados” verifica-se com um grau de ocorrência mais próximo do que nos sectores um e três, ou seja, a diferença entre ambas as categorizações não é tão acentuada.

Poderá ser considerada a Culinária uma área de actividade mais comum, na medida em que podemos encontrar falantes com actividades profissionais distintas e graus de instrução diferentes? Será por esse motivo que os “aportuguesamentos” são feitos de uma forma mais rápida, traduzindo-se em maior número? Estará esta diferença relacionada com o facto de o maior número de pessoas que trabalham no sector serem do sexo feminino²²? Já no *Diálogo Em Louvor Da Nossa Linguagem*²³, João de Barros salienta o aspecto de certas línguas serem mais adequadas para mulheres do que para homens “Cérto assi a françesa, como a italiana, máis parêçem fála pera mulheres...” (p. 82). E de facto, mais tarde, investigadores como Labov²⁴ (2001) consideram o factor sexo, entre outros, um aspecto bastante importante dentro do processo de mudança e de alteração linguísticas.

No que diz respeito à categoria o.s.e. é de realçar o resultado obtido no sector três (17%) perante o resultado do sector dois (0%), ficando o sector um numa posição mediana (10%). Assim, podemos concluir que, apesar de expressões de sentido equivalente na língua portuguesa, as estrangeiras têm uma maior expressão representativa.

2. (In)conclusão

Como síntese, salientam-se quatro aspectos: o primeiro prende-se com o facto de se verificarem *estrangeirismos* nos processos de comunicação, não sendo, por isso, uma realidade que se possa negar ou ocultar; o segundo relaciona-se com a supremacia da língua inglesa, sobretudo, no sector da

²² Note-se, no entanto, que os cozinheiros de maior projecção internacional são do sexo masculino.

²³ Cf. *Op. Cit.*

²⁴ Cf. *Op. Cit.*

Publicidade e da Economia, o terceiro reporta aos resultados obtidos na categorização *termos equivalentes*, pois houve oportunidade de observar que, apesar de existirem vocábulos correspondentes aos estrangeiros, na língua portuguesa, os falantes optam pelo uso dos vocábulos na sua forma original (aspecto indicador de que afinal *os estrangeirismos não surgem apenas por necessidade*) e, por último, os *aportuguesamentos* evidenciam que a questão da importação de palavras estrangeiras não significa perda de identidade linguística ou falta de nacionalismo, mas, apenas, que uma língua não é estanque, mas sim dinâmica. Esse dinamismo, aliás, surge graças ao próprio funcionamento das línguas, às necessidades sentidas pelos falantes e à sua própria criatividade, o que faz com que qualquer sistema linguístico tenha uma marcha ininterrupta no devir do tempo.

Bibliografia

- ALVES, Ieda. (1990): *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática.
- ARAYA & GÓMEZ. (2000). “La neología de préstamo en la prensa gallega”. In *La Neología en el tombant de Segle*. Barcelona: Observatori de Neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universtat Pompeu Fabra: 133-146.
- BAGANO, M. (2001): “Mudança Linguística: Um fenómeno onde toda a prescrição é inútil”. In *Letras*. Campinas: R. Letras. I. L.- PUC-Campinas, 20, 1-2: 45-60.
- BARROS, J. (1969): *Textos Pedagógicos e Gramaticais*. Lisboa: Editorial Verbo.
- BOLÉO, P. (1965): 2ª ed. *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial os francesismos) em português*. Coimbra: Pretiosior.
- CARVALHO, Nelly. (1989): *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Ática.
- CASARES, J. (1992): 3ª ed. *Introducción a la Lexicografía Moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- CATACH, N. (1979). “L’intégration graphique des mots nouveaux”. In *Néologie et lexicologie*. Collection “Langue et Langage”. Larousse université: Librairie Larousse: 67-72.
- DOWNES, W. (1998): 2ªed. *Language and Society*. Cambridge: University Press.
- EGEA & JUNCADELLA. (2000): “Els neologismes en un servei lingüístic: problemes i solucions”. In *La Neologia en el tombant de Segle*. Barcelona:

Observatori de Neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universtat Pompeu Fabra: 121-132.

EXECUTIVE DIGEST. (1997): *Manual de Gestão. Guia dos Conceitos de A a Z*. Lisboa: Abril / Controljornal – Editora Limitada.

HAGÈGE, C. (2000): *Não à morte das Línguas*. Lisboa: Instituto Piaget.

LABOV, W. (2001): *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell Publishers.

MACHADO, José Pedro. (s/d): *Palavras a Propósito de Palavras – notas lexicais*. Lisboa: Editorial Notícias.

PAUL, Hermann. (1966): *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ROBERTSON, R. (1990): 3ª ed. Mike Featherstone (org.). “Mapeamento da Condição Global: Globalização Como Conceito Central”. In *Cultura Global, Nacionalismo, Globalização e Modernie* Rio de Janeiro: Editora Vozes: 23-39.

Corpus

Ementa do Restaurante “Bolota Castanha” 2002.

Ementa do Restaurante “Forte do Guincho” 2001.

Exame nº 185, Novembro de 2001.

Exame nº 6, Setembro de 2001 (Edição Especial).

Executive Digest nº 84, Outubro de 2001.

Executive Digest nº 85, Novembro de 2001.

Executive Digest nº 86, Dezembro de 2001.

Marketing & Publicidade nº 40, Dezembro de 2001.

Meios & Publicidade nº 179-2, Novembro de 2001.

Meios & Publicidade nº 181-16, Novembro de 2001.

Meios & Publicidade nº 182-23, Novembro de 2001.

Meios & Publicidade nº 183-30, Novembro de 2001.

Mulher Moderna na Cozinha nº 70, Janeiro de 2002.

Mulher Moderna na Cozinha nº69, Dezembro de 2001.

Santos, P. (2002). *Visão*, 1 de Agosto de 2002.

Segredos de Cozinha nº 843, Dezembro de 2001.

Teleculinária nº1181, Novembro de 2001.

Teleculinária nº1183, Dezembro de 2001.

Teleculinária nº1184, Dezembro de 2001.

Teleculinária nº1185, Dezembro de 2001.

Anexo

*Corpus da Economia*²⁵

Palavra (ou expressão) pesquisada	Origem	Catego- rização	Glossário
Benchmarking	- ingl.	O.	• Uma forma de avaliação comparativa, através de resultados de outras empresas mesmo pertencentes a outros sectores de actividade.
Bluff da nova economia	- ingl.	T. E.	• Engano da nova economia.
Branding	- ingl.	O.	• Processo de criação de marcas que envolve a escolha do nome, símbolo representativo da marca, as cores, a promoção necessária, etc.
Briefing	- ingl.	O.	• Reunião de curta duração
Brokers	- ingl.	T.E.	• Intermediários financeiros.
Bull market	- ingl.	O. S. E.	• Mercado em expansão.
Business plan	- ingl.	T. E.	• Plano de negócio.
Business process outsourcing	- ingl.	T. E.	• Subcontratação de fases de negócio.
Business to business	- ingl.	O. S. E.	• Comércio entre as empresas.
Call center	- ingl.	T. E.	• Centro de atendimento.
Case study	- ingl.	O. S. E.	• Caso académico.
Cash	- ingl.	T. E.	• Pagamento em numerário.
Cash flows	- ingl.	T. E.	• Fluxos de tesouraria.
Cash tax	- ingl.	T. E.	• Pagamento de um imposto em numerário.
Checklist	- ingl.	O.	• Sequência de pontos a conferir.
Chief executive officer	- ingl.	T. E.	• Presidente do Conselho de Administração.
Collaboration	- ingl.	T. E.	• Colaboração.
Commitment	- ingl.	T. E.	• Compromisso.
Consulting	- ingl.	T. E.	• Consultoria/Consultadoria.
Country manager	- ingl.	O.	• Gestor de determinada zona territorial.

²⁵ A origem, a categorização e o glossário, foram realizados de acordo com as opiniões emitidas pelos especialistas de cada um dos sectores pesquisados.

Core business	- ingl.	T. E.	• Actividade principal de uma instituição / empresa.
Corporation	- ingl.	T. E.	• Organização.
Crash	- ingl.	O.	• Queda abrupta de qualquer variável.
Customer relationship management	- ingl.	O. S. E.	• Gestão do relacionamento com os clientes.
Dataholics	- ingl.	O.	• Pessoas obcecadas por informação.
Dotcom	- ingl.	O.	• Empresas constituintes da nova economia.
Drop - out	- ingl.	T. E.	• Desistir.
Entrepreneur	- fr.	O.	• Pessoa com iniciativa e com sentido de negócio.
Estratégia on - line	- ingl.	O.	• Estratégia de negócio na Internet.
Executive search	- ingl.	T. E.	• Investigação efectuada por profissionais.
Fax	- ingl.	O.	• Meio de comunicação escrito que utiliza o telefone.
First - mover	- ingl.	O. S. E.	• Pessoa que toma a iniciativa de alguma coisa.
Franchising	- ingl.	O.	• Acordo jurídico em que uma das partes envolvidas (franchisador) vende o direito de comercialização de produtos ou serviços à outra parte (franchisado).
Freelance	- ingl.	O. S. E.	• Trabalhador por conta própria.
Global player	- ingl.	O.	• Agente económico com características próprias que lhe permitem uma actuação em mercados diferentes.
Headhunter	- ingl.	O.	• Pessoas especializadas em descobrir novos talentos.
Holding	- ingl.	T.E.	• Sociedade Gestora de participações sociais.
Joint-venture	- ingl.	O.	• Forma de colaboração entre duas entidades jurídicas independentes.
Killer - applications	- ingl.	O.	• Aplicações economicamente imbatíveis.
King - maker	- ingl.	T. E.	• Mestre.
Know - how	- ingl.	T. E.	• Conhecimento.
Knowledge worker	- ingl.	O. S. E.	• Trabalhador com experiência e formação específica.
Layout	- ingl.	O.	• A forma como estão organizadas pessoas e “coisas”.
Legacy	- ingl.	T. E.	• Herança.
Line of business	- ingl.	T. E.	• Linha de negócio.
Low profile	- ingl.	O.	• Pessoa que actua com discrição.
Mailings	- ingl.	O.	• Correspondência dirigida a um público constituente de uma base de dados.
Management	- ingl.	T. E.	• Gestão.
Manager	- ingl.	T. E.	• Gestor.
Managing	- ingl.	T. E.	• Gerir.
Marketeer	- ingl.	O.	• Pessoa que trabalha em marketing.
Marketing	- ingl.	O.	• Forma de gestão que articula a comercialização de produtos com as necessidades do consumidor.
Marketing manager	- ingl.	T. E.	• Gestor de marketing.
Mass - market	- ingl.	O. S. E.	• Mercado, em termos globais.
MBA- Master Business Administration	- ingl.	T. E.	• Mestrado em Gestão de Empresas.

New business	- ingl.	T. E.	• Novo negócio.
New economy	- ingl.	T. E.	• Nova economia que engloba as TMT.
Open finance	-ingl.	O.	• Estrutura financeira vulnerável
Outsourcing	- ingl.	T. E.	• Subcontratação.
Outsourcing risk management	- ingl.	T. E.	• Subcontratação de risco sob o ponto de vista da gestão.
Partenariado	- ingl.	Aport.	• Parceria.
Partner	- ingl.	T. E.	• Parceiro.
Pay - off	- ingl.	T. E.	• Indemnização.
Performance	- ingl.	O.	• Actuação em termos de resultados atingidos.
Plafond	- fr.	O.	• Tecto até onde uma variável pode aumentar.
Pole position	- ingl.	T. E.	• Primeira posição.
Prime location	- ingl.	T. E.	• Localização privilegiada.
Private banker	- ingl.	T. E.	• Banqueiro privado.
Product innovation	- ingl.	T. E.	• Inovação de produto.
Puzzle de mercado	- ingl.	O.	• Construção lógica subdividida em vários elementos.
Ranking	- ingl.	O.	• Classificação que subentende um determinado posicionamento.
Rating	- ingl.	O.	• Cassificação de uma variável.
Recrut	- ingl.	T. E.	• Recrutar.
Reinventing government	- ingl.	O.	• Capacidade de reformulação governamental.
Rent - a - car	- ingl.	T. E.	• Empresa de aluguer de automóveis.
Researchers	- ingl.	T. E.	• Investigadores.
Road - Show	- ingl.	O.	• Designa um espectáculo itinerante.
Score business	- ingl.	T. E.	• Pontuação de negócio.
Salespeed	- ingl.	O.	• Velocidade das vendas.
Share	- ingl.	O. S. E.	• Nível de audiências.
Stakeholders	- ingl.	T. E.	• Partes interessadas num mesmo objectivo.
Standard	- ingl.	T. E.	• Referência.
Start up's	- ingl.	O.	• Arranque de uma empresa/negócio.
Step by step	- ingl.	T. E.	• Passo a passo.
Stock option	- ingl.	O.	• Opção de compra de acções.
Storage	- ingl.	T. E.	• Armazenagem.
Strategic outsourcing	- ingl.	T. E.	• Subcontratação estratégica.
Supply chain management	- ingl.	T. E.	• Gestão da oferta.
Telemarketing	- ingl.	O.	• Publicidade e comunicação por telefone.
Timing	- ingl.	O. S. E.	• Altura certa para a duração de um serviço.
Timing investing	- ingl.	T. E.	• Altura certa para investir.
Trade marketing	- ingl.	O.	• Marketing de transacção.
Upgrade	- ingl.	T. E.	• Actualizar.
User	- ingl.	T. E.	• Utilizador.

Up - to - date	- ingl.	T. E.	• Até à data.
Venture capital	- ingl.	T. E.	• Capital de risco.
Win win	- ingl.	O.	• Ganhos para todas as partes envolvidas.
Workaholic	- ingl.	O.	• Pessoa obcecada por trabalho.
Workflow	- ingl.	O.	• Fases do processo de trabalho.

*Corpus da Gastronomia*²⁶

Palavra (ou expressão) pesquisada	Origem	Catego- rização	Glossário
À la planche	- fr.	T. E.	• Acto de saltar na chapa.
Bacon	- ingl.	O.	• Parte do porco que, geralmente, se come fatiada.
Barbecue	- ingl.	O.	• Fila de pessoas que se vão servir ao churrasco.
Bavaoise	- fr.	O.	• Base de um creme de natas gelatinado que pode ser executado com vários sabores.
Bechamel	- fr.	O.	• Molho à base de farinha, leite, sal, ovos e limão.
Beignets	- fr.	T. E.	• Tipo de feijão.
Bife	- ingl.	Aport.	• Peça de carne, normalmente, de vaca.
Bombons	- fr.	Aport.	• Pequenos pedaços de chocolate, que podem ou não ser recheados.
Bortsch	- rus.	O.	• Sopa cuja base é beterraba e que é servida com natas.
Brandy	- ingl.	O.	• Bebida branca de base vinícola.
Brioche	- fr.	O.	• Tipo de pão de pequena dimensão.
Cannelloni	- itl.	O.	• Pequenos rolos de massa recheada com carne.
Carré	- fr.	O.	• Peça do lombo com osso.
Champanhe	- fr.	Aport.	• Bebida fina com gás.
Chantilly	- fr.	O.	• Natas batidas com açúcar.
Charlotte	- fr.	O.	• Bolo semifrio com biscoitos e bavaoise no meio.
Charmat	- fr.	O.	–
Chipolata	- al.	Aport.	• Tipo de salsicha de Frankfurt.
Choux	- fr.	O.	• Tipo de couve.
Chucrute	- al.	O.	• Couve com salsicha e vinagre.
Chutney	–	–	• Fruta com origem na manga.
Clafouti	–	–	–
Cocktail	- ingl.	Aport.	• Bebida cujo nome está relacionado com a forma decorativa.

²⁶ A origem, a categorização e o glossário, foram realizados de acordo com as opiniões emitidas pelos especialistas de cada um dos sectores pesquisados.

Cogumelos girolles	- fr.	O.	• Tipo de cogumelos.
Cointreau	- fr.	O.	• Licor de laranja.
Consommé	- fr.	O.	• Caldo de carne clarificado.
Cozinhar al dente	-		• Cozido com legumes, ainda a sentir um pouco o legume.
Crème	- fr.	O.	• Base de qualquer molho.
Creme mousseline	- fr.	O.	• Base de molho bastante fina.
Crepes	- fr.	Aport.	• Prato doce ou salgado com base numa massa salgada.
Croissant	- fr.	O.	• Tipo de pão doce.
Croque - dame	- fr.	O.	• Sandwich mista, passada por ovo e posteriormente frita.
Croquetes	- fr.	Aport.	• Carne picada, moldada e, posteriormente, frita.
Curgetes	- fr.	Aport.	• Legume – abóbora tipo pepino.
Escalope	- fr.	O.	• Carne frita ou panada.
Esparguete	- itl.	Aport.	• Massa bastante fina e comprida.
Filetes	- fr.	Aport.	• Pequenos pedaços de peixe.
Flan	- fr.	O.	• Pudim à base de ovos.
Fondue	- fr.	O.	• Pequenos pedaços de carne fritos à mesa.
Fricassé	- fr.	Aport.	• Estufado que tem por base gemas de ovo, salsa picada e sumo de limão. Usa-se mais com estufados de carne.
Fusilli	- itl.	O.	• Tipo de massa.
Ganache	-	—	—
Glace	- fr.	O.	• Molho cuja base é clara de ovo, sumo de limão e açúcar em pó que ferve bastante.
Grand marnier	- fr.	O.	• Licor de laranja.
Gratinado	- fr.	Aport.	• Vai ao forno a elevada temperatura num curto espaço de tempo.
Grill	- ingl.	T. E.	• Grelhado.
Hambúrgueres	- ingl.	Aport.	• Tipo de bife de carne picada.
Iogurte	- bul.	Aport.	• Creme de vários sabores cuja base é o leite.
Ketchup	- ingl.	O.	• Molho de tomate.
Kiwi	-	-	• Tipo de fruta.
Lanche	- ingl.	Aport.	• Refeição no meio da tarde.
Lasanha	- itl.	Aport.	• Prato confeccionado com várias camadas de massa, carne, fiambre e queijo.
Macarronete	- itl.	Aport.	• Tipo de massa.
Maionese	- fr.	Aport.	• Creme de ovos batidos com azeite e sumo de limão.
Maisena	- ingl.	Aport.	• Farinha feita através da fécula de batata.
Malagueta	- itl.	Aport.	• Fruto comestível.
Massapan	- itl.	T. E.	• Miolo de amêndoa passada por um cilindro.
Merengue	- esp.	O.	• Clara de ovo com açúcar, gratinada no forno.
Molotov	- rus.	O.	• Clara de ovo com açúcar, batida em castelo e vai ao forno.
Mornay	- ingl.	O.	• Molho branco (base bechamel) ligado com molho holandês. Pode ser gratinado ou simples.

Mousse	- fr.	O.	• Creme relativamente espesso que pode ser de vários sabores.
Muffins	- fr.	O.	• Tipo de pão de ló.
Omoleta	- fr.	Aport.	• Ovos fritos e enrolados numa sertã.
Palitos de la reine	- fr.	O.	• Tipo de biscoito doce.
Panettone	- itl.	O.	• Tipo de massa.
Pâté	- fr.	O.	• Creme espesso com sabores vários.
Pasta	- itl.	O.	• Massa.
Pavê	- fr.	O.	• Bavaroise que leva fruta inteira.
Pickles	- ingl.	O.	• Legumes em conserva.
Ponche	-	-	• Bebida fria à base de fruta.
Pralinés	- fr.	Aport.	• Tipo de bombons.
Profiteroles	- fr.	Aport.	• Massa patachan cozida e recheada a gosto.
Pudim	- ingl.	Aport.	• Solução de leite, ovos e açúcar.
Puré	- fr.	Aport.	• Batatas passadas com leite e manteiga.
Queques	- ingl.	Aport.	• Pequenos bolos individuais, geralmente, de laranja.
Quiche	- fr.	T. E.	• Tarte com recheio a gosto (natas, leite, ovos, queijo).
Ravioli	- itl.	Aport.	• Massa recheada com carne.
Risoto	- itl.	Aport.	• Tipo de arroz italiano (muito caro).
Rocambole	- fr.	O.	—
Rosbife	- ingl.	Aport.	• Filéminhon quase aquecido numa frigideira. Depois vai ao forno – só um choque.
Roti	-	-	• Carne estufada.
Sabayon	-	-	• Bebida quente, cozida em banho maria, com gemas de ovo, açúcar e vinho.
Sablés	- fr.	Aport.	• Molho de textura fina.
Saint - Honoré	- fr.	O.	—
Savarin	- fr.	O.	—
Shaker	- ingl.	O.	• Recipiente que serve para misturar bebidas.
Sorbitol	-	-	—
Soubise	-	-	—
Stollen	- al.	O.	—
Strudell	- aust.	O.	• Massa folhada frita com óleo morno até ficar em folha de papel.
Tablete	- fr.	Aport.	• Porção de chocolate.
Tarte	- fr.	Aport.	• Massa doce.
Tarteletes	- fr.	Aport.	• Tarte em miniatura.
Timbale	- itl.	O.	—
Tortellini	- itl.	O.	• Massa recheada.
Tortilha	- esp.	Aport.	• Ovos fritos numa frigideira com batatas.
Trufas	- fr.	Aport.	• Tipo de cogumelo que é muito caro.
Whisky	- ingl.	O.	• Bebida alcoólica.

*Corpus da Publicidade*²⁷

Palavra (ou expressão) pesquisada	Origem	Catego- rização	Glossário
Above - the - line	- ingl.	O.	• Acima de uma média pré-definida.
Art director	-ingl.	O. S. E.	• Director artístico.
Below - the - line	-ingl.	O.	• Abaixo de uma média pré-definida.
Boom	-ingl.	O. S. E.	• Fluxo súbito de alguma coisa.
Brainstorming	-ingl.	O. S. E.	• Discussão de várias ideias que acabaram de surgir.
Break	-ingl.	T. E.	• Intervalo.
Briefing	-ingl.	O.	• Reunião de curta duração.
Broadcasting	-ingl.	T. E.	• Transmissão.
Brochura	-fr.	Aport.	• Pequeno caderno informativo.
Business - to - business	-ingl.	O. S. E.	• Comércio entre empresas.
Business to consumer	-ingl.	O.	• Negócio a pensar no consumidor.
Cachet	-fr.	O. S. E.	• Pagamento de um bem ou serviço.
Call center	-ingl.	T. E.	• Centro de atendimento.
Cartoon	-ingl.	O.	• Banda desenhada ou desenho animado.
Casting	-ingl.	O.	• Tipo de audição ou exibição.
Channel	-ingl.	T. E.	• Canal.
Chat room	-ingl.	O.	• Espaço de diálogo através da internet.
Compras online	-ingl.	O.	• Compras através da internet.
Copy	-ingl.	T. E.	• Texto.
Copywriter	-ingl.	T. E.	• Redactor.
Corporate design	-ingl.	O. S. E.	• Tipo de design corporativo.
Cross - selling	-ingl.	O.	• Promoção de uma marca através de outra.
Customer relationship	-ingl.	O. S. E.	• Gestão do relacionamento com os clientes.
Design	-ingl.	O.	• Criação de um novo conceito estético quer a nível de imagem quer a nível da forma.
Designer	-ingl.	O.	• Criador de um novo conceito estético quer a nível de imagem quer a nível da forma.
Direct mail	-ingl.	O.	• Correspondência directa, para um determinado público.
Direct - response	-ingl.	O.	• Quando um assunto reporta directamente a um responsável.
Display	-ingl.	O.	• Objecto cuja finalidade é permitir a visualização de imagens.
Dossier	-fr.	O.	• Capa, geralmente de cartão, com argolas para arquivo de documentos.

²⁷ A origem, a categorização e o glossário, foram realizados de acordo com as opiniões emitidas pelos especialistas de cada um dos sectores pesquisados.

Eventos in house	-ingl.	O. S. E.	• Realização de eventos internos.
Event manager	-ingl.	O. S. E.	• Gestor de eventos.
Face painting	-ingl.	O. S. E.	• Pintura de retratos (rostos).
Feed - back	-ingl.	O.	• Informação resultante do seguimento de uma acção.
Filme	-ingl.	Aport.	• Conjunto de imagens sequenciais registadas numa câmara.
Flash	-ingl.	O.	• Luz de forte intensidade / Notícia repentina.
Fotoship	-ingl.	O.	• Micro cartão para fotografias.
Free - lancers	-ingl.	O. S. E.	• Trabalhador por conta própria.
Global brand	-ingl.	O.	• Valor global de uma marca ou produto.
Guide - lines Indoor	-ingl.	O.	• Directrizes internas.
Insight do consumidor	-ingl.	O. S. E.	• O ponto de vista do consumidor.
Interactive	-ingl.	T. E.	• Interactivo.
Jingle	-ingl.	O.	• Música de curta duração, geralmente para publicidade.
Just - in - time	-ingl.	T. E.	• Processo de fabrico japonês que reduz o stock existente ao mínimo necessário / mesmo a tempo.
Kit	-ingl.	O.	• Conjunto de peças que têm uma relação entre si.
Know - how	-ingl.	T. E.	• O conhecimento que se tem sobre determinado assunto.
Lettering	-ingl.	O.	• Tipo de letra ou forma normalizada de uma marca ou entidade.
Laser	-ingl.	O.	• Feixe intenso de luz.
Lifetime value	-ingl.	O. S. E.	• Valor da duração de um produto.
Low profile	-ingl.	O.	• Pessoa que se comporta ou actua com discrição.
Mailing	-ingl.	O.	• Correspondência dirigida a um público constituinte de uma base de dados.
Maquetas	-fr.	Aport.	• Miniatura de uma determinada obra.
Marketeers	-ingl.	O.	• Pessoas que trabalham na área do <i>marketing</i> .
Marketing	-ingl.	O.	• Forma de gestão que articula a comercialização de produtos com as necessidades do consumidor.
Media planning	-ingl.	O.	• Planeamento dos meios de comunicação social.
Merchandising	-ingl.	O.	• Ciência de comunicação e exposição de produtos.
Mupi	-ingl.	O.	• Espaço na via pública para fixação de publicidade.
New business	-ingl.	T. E.	• Novo negócio.
Newsletter	-ingl.	O.	• Cartas contentoras de informação.
New media	-ingl.	O.	• Novos meios de comunicação social.
Novo design	-ingl.	O.	• Criação de um novo conceito.
Offset	-ingl.	O.	• Tipo de impressão.
One - to - one	-ingl.	O.	• Reporta a uma situação de igualdade.
Outdoors	-ingl.	O.	• Rectângulo na via pública para publicidade que tem três metros de comprimento e oito de altura.
Outdoor trainings	-ingl.	O.	• Ensaios do outdoor.
Packaging	-ingl.	O.	• Acto de embalar produtos.
Packs	-ingl.	T. E.	• Conjunto de opções para o mesmo serviço ou produto.

Panfletos	-ingl./fr.	Aport.	• Pequenos papéis informativos.
Photoshops	-ingl.	O.	• Lojas para fotografias. É também o nome de um programa informático para tratamento de imagens.
Portfólio	-ingl.	Aport.	• Arquivo de documentos.
Pré - press	-ingl.	O.	• Informação conhecida antes da sua divulgação através dos meios de comunicação.
Press release	-ingl.	O.	• Notícia que se envia para os jornais e que é escrita pelo próprio anunciante.
Production designer	-ingl.	O. S. E.	• “Designer” que se dedica à produção.
Radio online	-ingl.	O.	• Rádio em sintonia.
Ranking	-ingl.	O.	• Classificação que subentende um determinado posicionamento.
Reality - shows	-ingl.	O.	• Programas de entretenimento caracterizados por guiões reais.
Recordes	-ingl.	Aport.	• Obtenção de resultados vencedores.
Reportagem	-fr.	Aport.	• Divulgação de um acontecimento.
Roadshows	-ingl.	O.	• Espectáculos itinerantes.
Script	-ingl.	T. E.	• Guião.
Share	-ingl.	O. S. E.	• Nível de audiências.
Shortlists	-ingl.	O.	• Pequenas listagens.
Shot	-ingl.	T. E.	• Curta filmagem.
Show - off	-ingl.	O.	• Evidenciar algo que é falso.
Sketches	-ingl.	O.	• Pequenas dramatizações.
Slogan	-ingl.	O.	• Tema ou frase de uma campanha.
Spot	-ingl.	O.	• Anúncio para uma promoção.
Standard	-ingl.	T. E.	• Referência.
Tablóide	-ingl.	Aport.	• Jornal com metade da dimensão habitual.
Target	-ingl.	T. E.	• Alvo.
Team building	-ingl.	O.	• Equipa de construção.
Telemarketing	-ingl.	O.	• Publicidade e comunicação pelo telefone.
Timing	-ingl.	O. S. E.	• Altura certa para a execução de um serviço.
Top	-ingl.	T. E.	• Encontrar-se no topo.
TV - commerce	-ingl.	O. S. E.	• Comércio através da televisão.
TV - producer	-ingl.	T. E.	• Produtor televisivo.
Up - to - date	-ingl.	T. E.	• Até à data.
Videowall	-ingl.	O.	• Ecran gigante para projecção de imagens.
Wallpapers	-ingl.	O.	• Papéis informativos que vão sendo colocados, em paredes.

Diferenças Culturais em Tradução Técnica

Maria Goreti Monteiro

Resumo

A língua portuguesa de Portugal e do Brasil apresenta diferenças de ortografia e sintaxe na linguagem do dia-a-dia dos falantes de cada país. No entanto, em áreas específicas do conhecimento como é o caso da engenharia de moldes para os plásticos, poderá parecer pouco provável existirem divergências. O facto é que elas existem, podendo ser usadas com vantagens para uma melhor transmissão de informação.

Com base em traduções técnicas reais a partir da língua inglesa para a língua portuguesa de Portugal e do Brasil, apontar-se-ão divergências terminológicas importantes tanto em artigos técnicos para uso de especialistas das mesmas áreas de conhecimento como em textos simples para o uso diário do leitor comum. Apurar-se-á, ainda, que se obtém uma melhor comunicação técnica quando se respeitam as diferenças culturais de cada grupo de falantes, com implicações relevantes para a satisfação de clientes e consequências nas actividades empresariais.

Ao analisar a teoria de Edward Sapir (1956:69) afirmando que cada língua reflecte as experiências culturais dos falantes dessa sociedade, Susan Bassnett (2002:22) conclui ser esta relação entre língua e cultura que mantém as línguas vivas: *Language, then, is the heart within the body of culture, and it is the interaction between the two that results in the continuation of life-energy.*

Significa esta dedução que as experiências de cada falante são transmitidas dentro de um contexto cultural, que é reflectido em cada uma das suas mensagens e que, simultaneamente, necessita de ser entendido para haver comunicação. Sendo esta regra fundamental para a interpretação de actos de fala, ainda o é mais em textos escritos que, actualmente, são lidos por pessoas de todo o mundo, quase em simultâneo, através de traduções.

De facto, em prática de tradução, a regra principal é proceder a uma análise do contexto cultural de cada texto para a sua plena compreensão e

posterior rescrita. Ignorar este exercício é correr elevados riscos, como observa Bassnett (2002:22): *In the same way that a surgeon, operating on the heart, cannot neglect the body that surrounds it, so the translator treats the text in isolation from the culture at his peril.*

São as traduções que, hoje em dia, permitem a grande de parte do mundo estar em contacto permanente, ao transferirem, imperceptivelmente, informação de uma língua – espelho de uma cultura e de contextos específicos – para outra língua como, por exemplo, no caso da transmissão instantânea de notícias provenientes dos mais diversos pontos do globo. Segundo Montgomery (2000:291), são igualmente as traduções que, ao longo da história, têm ajudado a difundir mais ideias e invenções do que as obras originais:

It is a fact, not to be underestimated, that against the background of continual linguistic contact among peoples there have occurred episodes when translation activity has risen to become a major focus on intellectual work and has resulted in immense tides of new textual material entering a particular language.

Efectivamente, a prática da tradução é uma realidade e uma vantagem, em primeiro lugar porque os falantes desconhecem muitas línguas estrangeiras e, em segundo, pelo facto de a maioria dos leitores de uma comunidade preferirem o conforto de ler nas suas línguas maternas, principalmente se os textos forem de conteúdo técnico / científico e se os receptores não forem especialistas.

Estes textos estão associados a informação não ficcional das mais diversas áreas de conhecimento, tal como o jurídico, o médico, da fabricação ou da engenharia. Escolheu-se adoptar aqui o nome geral de técnicos para descrever todos os textos que fornecem informações acerca de pessoas, tais como num tribunal ou num registo civil e de objectos, como máquinas ou instruções de utilização. A passagem deste género de informação de uma língua para outra será referida como tradução técnica, uma actividade que obriga o tradutor a conhecer a língua e a cultura das línguas de partida e de chegada, mas também a ter boa percepção do assunto em questão.

No geral, um texto técnico é traduzido para uma língua falada por uma só comunidade de falantes ou por um grupo específico dentro dessa comunidade. Todavia, uma língua pode ser comum a mais do que um país,

com culturas, contextos e realidades diferentes uns dos outros. Como será de esperar, essas particularidades manifestam-se de forma divergente na língua de cada país:

We have seen that any speech community is likely to be composed of different groups, groups which may operate with differing versions of the same language or even with discrete and separate languages. In this sense different varieties are ‘owned’ by different groups. (Montgomery, 1995:105)

As diferenças de variedades acima mencionadas não surpreendem, normalmente, quando se encontram em tradução de textos de ficção, mas são geralmente inesperadas em traduções técnicas. Contudo, essas diferenças são comuns e são usadas por grupos distintos até dentro do próprio país.

É, de facto, o que ocorre em Portugal, por exemplo, na área dos moldes para plásticos, onde os técnicos de Oliveira de Azeméis – um dos centros desta indústria – e da Marinha Grande – o outro grande pólo – usam e, como consequência, traduzem os mesmos termos do inglês para terminologia desigual.

<u>Termo inglês</u>	<u>Traduções:</u>	
	<u>Oliveira de Azeméis</u>	<u>Marinha Grande</u>
Support pillars	<i>suporte pilares</i>	<i>suportes de apoio</i>
Parallels	<i>paralelas</i>	<i>calços</i>
Ejector support plate	<i>chapa de aperto dos extractores</i>	<i>placa batente</i>
End rod cylinder adaptor	<i>engate do cilindro</i>	<i>ponteira do cilindro</i>

As razões para estas diferenças estão intrinsecamente ligadas à história e às culturas industriais de cada uma das duas regiões.

Com efeito, os moldes para plásticos são produzidos maioritariamente nestes dois centros, por serem uma consequência da produção de moldes para vidros, resultado natural da implantação de duas importantes fábricas de vidros nas duas localidades, em épocas diferentes da história de Portugal.

A fábrica de vidros de Covo em Oliveira de Azeméis foi a primeira a funcionar em território português ainda no reinado de D. João II, tendo obtido privilégios por parte dos reis D. João III, D. Sebastião e D. Filipe I de Portugal, II de Castela. O desenvolvimento desta indústria fez-se com

uma forte influência do castelhano, inclusive com alguns proprietários e muitos artífices provenientes de Castela ou com grandes ligações à corte Filipina.

No século XVIII, cerca de 300 anos depois, o Marquês de Pombal mandou instalar uma fábrica de vidros na Marinha Grande. Tendo em conta que, só de uma vez, o administrador Guilherme Stephens mandou vir quatro dos melhores mestres que havia na Inglaterra e cinco de Génova para liderarem os trabalhos nesta fábrica, é de esperar que a terminologia nesta região tenha sido influenciada pelas línguas inglesa e italiana, divergindo, assim, da já usada no norte do país.

Com a invenção de novos materiais e a evolução da indústria, foram implantadas fábricas de moldes para vidros e a seguir para plásticos, nos dois locais. Mesmo após a ocorrência de migração de trabalhadores de um centro para o outro, continua a haver divergência no uso e na tradução da terminologia, inclusivamente na tradução de novos termos. Esta ocorrência é reconhecida em todo o país, não sendo impeditiva do entendimento terminológico entre técnicos.

Todavia, conhecendo esta realidade e ponderando a citação de Montgomery acima transcrita, considerou-se a hipótese de existirem outras disparidades de tradução e uso nesta área do conhecimento entre duas comunidades linguísticas de variedades diferentes da mesma língua, Portugal e Brasil, uma vez que em outras áreas de conhecimento isso já acontece. Na realidade, há uma tradição de terminologia própria do Brasil referente à ciência e tecnologia em que, por exemplo, os meios de transportes mecanizados como *trem*, *ônibus* e *bonde* têm os nomes de *comboio*, *autocarro* e *eléctrico* em Portugal (Teyssier, 2001:96).

Em seguida, pretendia-se auscultar a possibilidade de existir alguma dificuldade de compreensão dos textos, por parte dos técnicos de um e de outro país, devido à disparidade ortográfica entre as duas variedades.

Para tal, foi conduzida uma experiência que consistiu, em primeiro lugar, na tradução do primeiro um capítulo do livro *How to Make Injection Molds* por um técnico de moldes na Marinha Grande. Foi escolhida esta região como base para o trabalho de comparação por ser a mais significativa em número de empresas e técnicos. Em seguida, foi dado a ler a um técnico

de moldes brasileiro, em São Paulo, Brasil, o qual reconheceu ser necessário adaptar o texto para poder ser bem compreendido pela maioria dos técnicos brasileiros. Depois de alterado para o público brasileiro, o texto foi dado a ler a técnicos portugueses, anotando-se as suas reacções. Pretendia-se, numa primeira fase, verificar se as diferenças de terminologia impediam a compreensão do texto pelos técnicos do outro país.

As primeiras quarenta e cinco linhas do texto mostraram um grande número de termos traduzidos de forma diferentes nas duas variedades, como se pode verificar abaixo:

<u>Termo inglês</u>	<u>Traduções:</u>	
	<u>Brasil (S. Paulo)</u>	<u>Portugal (M. Grande)</u>
Land (of gate)	<i>ponto de injeção</i>	<i>zona de ataque</i>
Molding	<i>cavidade</i>	<i>zona moldante</i>
Sprue	<i>bucha de injeção</i>	<i>injector</i>
Parting line	<i>linha de fechamento</i>	<i>linha de junta</i>
Freeze	<i>resfriar</i>	<i>arrefecer</i>
Sharp corner	<i>canto vivo</i>	<i>quina viva</i>
To machine	<i>usinar</i>	<i>maquinar</i>
Machining	<i>usinagem</i>	<i>maquinação</i>
Knit lines	<i>junta fria</i>	<i>linhas de função</i>

As opiniões dos técnicos portugueses relativamente ao texto alterado para o português do Brasil foram semelhantes às dos técnicos brasileiros em relação à tradução original. Todos tiveram algumas dificuldades iniciais, apenas compreendendo o texto por conhecerem bem o contexto. Referiram, ainda, o facto de ter sido algo cansativo ler o texto com termos desconhecidos ou invulgares.

Nos contactos iniciais não foram mencionadas as variações de grafia, nem as terminações divergentes dos termos como, por exemplo, nos casos de *moldagem / moldação, ajuste / ajustamento* ou *desmoldagem / desmoldação*, por se considerar que seriam facilmente reconhecíveis pelos falantes dos dois países. No entanto, esta questão foi aludida por todos os intervenientes. Embora a grafia se entendesse perfeitamente, interferia com a fluidez de leitura e com a concentração dos leitores, por ser desusada e estranha.

Os excertos seguintes apontam as disparidades a negrito:

PT

O injector recebe o material plasticizado do cilindro e leva-o à superfície pela linha de junta que, normalmente, é perpendicular ao injector. É frequente um molde de uma única cavidade ter apenas um injector; a peça é injectada directamente.

*Injectores semi-acabados estão à venda no mercado europeu. O fabricante de moldes só tem de **maquinar** o furo cónico. Deve-se prestar especial atenção ao acabamento de superfície deste furo. Desgastar e polir numa direcção perpendicular à direcção de desmoldação dá origem a prisões que impedem o processo de desmoldação e podem interromper o ciclo (em particular numa injeção automática).*

BR

O canal de injeção recebe o material plastificado do cilindro e leva-o à superfície pela linha de fechamento, que, normalmente, é perpendicular ao canal de injeção. É frequente um molde de uma única cavidade ter apenas um canal de injeção; a peça é injetada directamente.

*Buchas de injeção semi-acabadas estão à venda no mercado europeu. O fabricante de moldes só tem de **usinar** o furo cónico (canal de injeção). Deve se prestar especial atenção ao acabamento da superfície deste furo. Desgastar e polir numa direcção perpendicular à direcção de desmoldagem dá origem a **contra-saídas** que impedem o processo de desmoldagem e podem interromper o ciclo (em particular numa injeção automática)*

Os leitores não esperavam encontrar nem um léxico “estranho”, nem uma grafia diferente num texto da sua especialidade e relacionado com o seu trabalho, o que originou uma reacção negativa, por interferir no seu processo de compreensão.

Esta reacção levantou uma nova questão: se os técnicos, pessoas mais habituadas a textos específicos, os repelem por serem escritos em outras variedades de linguagem que não as suas, é de prever que os leigos tenham idêntica posição. Por exemplo, será de supor que o utilizador de qualquer equipamento rejeitará a literatura de um dado produto que lhe seja apresentada na variedade errada, podendo essa rejeição ser transferida para o produto e acarretar graves prejuízos ao fabricante. Assim sendo, seria curioso avaliar até que ponto os bens exportados já são acompanhados de textos traduzidos para variedades diferentes da mesma língua.

A fim de verificar este facto, procurou-se literatura referente a produtos vulgares de origem estrangeira. No entanto, verificou-se que este tipo de prática é incomum pois entre a literatura de cinco artigos importados, apenas se encontrou um folheto de especificações e instruções de montagem, incluída no pacote de um mini rato óptico para computador, fabricado em Taiwan, escrito em língua inglesa e traduzido para as variedades da língua portuguesa do Brasil e de Portugal.

Transcreve-se, em primeiro lugar, a apresentação do equipamento nas três línguas:

Inglês:

- *Body cover includes buttons – no distinguishable buttons*
- *Mini-size in dazzling colors, great for notebooks*
- *400 dpi high precision optical sensor*

PT

- *Botões integrados na estrutura – botões não distinguíveis*
- *Tamanho reduzido e cores deslumbrantes, ideal para notebooks*
- *Sensor óptico de alta precisão de 400 ppp.*

BR

- *Cobertura do corpo inclui botões – botões não salientes*
- *Tamanho pequeno em cores brilhantes, perfeito para notebooks*
- *Sensor óptico de 400 dpi de alta precisão.*

Uma análise muito breve dos dois textos aponta para traduções muito semelhantes em relação aos termos técnicos que divergem apenas no uso da sigla *ppp*, traduzida na variedade de Portugal e *dpi* não traduzida, na variedade do Brasil. Na realidade, é muito vulgar usar-se uma ou outra forma também em Portugal. Além disso, não se verifica qualquer diferença ortográfica, pelo que se pode concluir que estes textos poderiam ser usados em qualquer dos dois países, indiscriminadamente. Contudo, a necessidade para a existência dos dois textos explica-se quando se lêem as instruções de instalação.

PT

Instalação do hardware

Nota: desligue sempre o computador antes de ligar ou desligar o rato.

1. Para o modelo série, ligue o rato à porta série. [...]

Atenção: não utilize este mouse óptico em mesa com tampo espelhado, de vidro, ferro ou veludo negro. É necessária também uma superfície plana, ou o sensor óptico (NetScroll + Traveler) não funcionará adequadamente.

*Definições do fabricante**Rolador mágico*

Prima o “rolador mágico” para navegar na Internet e nos documentos do Windows.[...]

Botão rolador

Este botão pode ser atribuído a funções muito utilizadas pelo rato e teclado, para além das opções de avanço rápido, movimento automático, zoom, etc.

BR

Instalação do hardware

Nota: Sempre desligue seu computador antes de conectar ou desconectar seu mouse.

1. No modelo serial, conecte o mouse na porta serial.[...]

Aviso: não utilize este rato óptico numa mesa de vidro, metálica ou forrada a veludo preto. Além disso, a superfície de trabalho tem de ser plana, para que o sensor óptico do rato funcione correctamente (NetScroll + Traveler).

*Configuração de Fábrica**Magic-Roller*

Pressione o “Magic-Roller” para surfar na Internet e pelos documentos do Windows.[...]

Roller Button

Você pode atribuir a este botão funções do teclado e do mouse usadas com frequência, além de funções como EasyJump, panning automático, zoom, etc.

A tradução do nome do equipamento aparece, pela primeira vez, nas instruções de instalação, sendo traduzido – *rato* – em Portugal e mantido em inglês – *mouse* – no Brasil. O mesmo sucede com os nomes das peças do próprio rato nas definições do fabricante – *rolador mágico* e *botão do rolador* – e – *magic-roller* e *roller button*.

Verifica-se, de igual modo, que a explicação das opções, *avanço rápido* e *movimento automático* são totalmente traduzidas, na variedade de Portugal, enquanto as *funções*, *EasyJump* e *planning automático* são parcialmente traduzidas na do Brasil. Da mesma forma, são traduzidos os verbos *ligar*,

desligar e *navegar* na variedade de Portugal, sendo usadas as estruturas derivacionais *conectar*, *desconectar* e *surf*, na do Brasil. Este fenómeno linguístico, já assumido na tradução para o público brasileiro, não está presente na versão de Portugal, embora também aqui o seu uso seja frequente em linguagem coloquial. Estes termos fazem parte de um conjunto de exemplos de vocábulos como *scanar*, *printar* e *deletar*, que entraram na língua por derivação por sufixação com base nos radicais originários do inglês, *scan*, *print* e *delete*. Nota-se, no entanto, que este fenómeno ainda se evita em linguagem formal e escrita na variedade do português europeu.

Como se poderá observar, foi de toda a vantagem traduzir o manual nas duas variedades para que pudesse ser feita uma boa instalação do equipamento. Não só existem usos diferentes de alguns termos nos dois países, mas também se verifica que o produto tem denominações diferentes – *rato* e *mouse*.

Certamente que a apresentação de outros exemplos proporcionaria os mesmos resultados: as diferenças das variedades linguísticas devem ser sempre consideradas no processo de comunicação, mas é necessário dar-se-lhes atenção especial quando está em jogo a aceitação de um novo produto junto de um novo grupo de potenciais consumidores.

Este processo de adaptação de uma língua a um país ou região específica está subjacente à filosofia da localização linguística na tradução. Algumas línguas, como a portuguesa, espalharam-se por locais geográficos diferentes com influências culturais e linguísticas próprias que resultaram em convenções ortográficas e normas gramaticais divergentes.

Algumas empresas, especialmente as de tecnologias da informação, têm vindo a mostrar alguns cuidados deste género na tradução das suas mercadorias para os vários mercados. De facto, o texto que acompanha os produtos poderá ter um papel importante na sua boa ou má recepção no mercado final, como se depreende da afirmação de Nord (1991:73):

An instrumental translation serves as an independent message-transmitting instrument in a new communicating action in the target culture, and is intended to fulfill its communicative purpose without the recipient being conscious of reading or hearing a text which, in a different form, was used before in a different communicative situation.

Sem dúvida que os leitores de um texto traduzido reagem de forma mais positiva se não pressentirem estranheza, ou seja, se parecer que esse texto foi escrito para o seu consumo exclusivo, particularmente quando o texto é técnico. Se os profissionais apreendem melhor a mensagem nas suas áreas de conhecimento, a partir de uma fonte onde a linguagem lhes seja natural, também os não profissionais conseguem instalar equipamento ou entender as suas propriedades através da leitura de um manual de instruções escrito de forma a poder ajudá-lo enquanto consumidor.

A comunicação técnica e científica através de textos escritos é mais eficaz quando são consideradas as diferenças linguísticas de grupos culturais diferentes, devendo ser dada atenção especial às diferenças de variedades quando se trata da mesma língua. No caso em que esses textos acompanham produtos exportados, esta atenção resulta, na generalidade, em clientes mais satisfeitos e, como consequência, em negócios mais lucrativos.

Bibliografia

- BASSNETT, Susan. (2002): *Translation Studies*. London; New York: Routledge.
- FREITAS, Tiago, Maria Celeste RAMILO e Elisabete SOALHEIRO. (2003): *O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu*. Instituto de Linguística Teórica e Computacional: <http://www.iltec.pt/pdf/wpaper/2003-redip-estrangeirismos.pdf>, (5/12/06).
- MENGES, Gerog and Paul MOHREN. (1983): *How to Make Injection Molds*. Munich; Vienna; New York: Hanser Publishers.
- MONTGOMERY, Martin (1995): *An Introduction to Language and Society*. London; New York: Routledge.
- MONTGOMERY, Scott L. (2000): *Science in Translation, Movements of Knowledge through Cultures and Time*, Chicago; London: The University of Chicago Press.
- MUNDAY, Jeremy. (2001): *Introducing Translation Studies, Theories and Applications*. London; New York: Routledge.
- ROLDÃO, Gabriel. (2002): "Oliveira de Azeméis berço da indústria vidreira em Portugal". *Boletim Mensal do Rotary Club da Marinha Grande*, 4, 1-2; 5, 4; 6, 6-9.

SAPIR, Edward. (1956): *Culture, Language and personality*. Los Angeles: University of California Press.

SNELL-HORNBY, Mary. (1995): *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.

TEYSSIER, Paul. (2001): *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

**The Language of Science and Technology:
a Discourse of Power Keeping
Young Learners Out**

Vicky Hartnack

Resumo

Este artigo procura compreender a razão de muitos alunos em idade escolar terem tantos problemas nas disciplinas de ciências e matemática. Tenta analisar o discurso tecnológico e as construções mentais que daí resultam. Discute a noção do discurso de “literacia” que já se encontra contaminado pelo discurso científico, evidente não apenas no discurso adoptado pelos detentores do poder, como se verifica através dos documentos oficiais, mas observado, também, nos média. Através da linguística aplicada na sua vertente sócio-cultural, tenciona analisar a estrutura da linguagem científica e tecnológica como veículo de inovação influenciando outras culturas. Utiliza uma abordagem sobre o género do ponto de vista da linguística sistémico-funcional que permitirá a percepção de como os padrões linguísticos servem para construir barreiras que impedem o acesso a este discurso especializado, excluindo, assim, todos os que não o podem entender.

Key words: school students, scientific discourse, genre, language patterns, education for all.

Introduction

Although having received a scientific training myself, the fact only really dawned on me that the language of science and technology was indeed different from the language of educated writing in the humanities, when I became a translator many years ago. I surmised that was not only a matter of specialized vocabulary and writing in the passive voice in order to distance personal involvement in objective reporting. Rather – I reasoned – the difference lay in the changes in meaning that resulted when transforming text into something destined for restricted scientific readership, outside the understanding of lay people. In other words, it had a lot to do with moulding or *landscaping*¹ the scientific text to meet the requirements of a select

¹ I use the term «landscaping» in the sense that Sharon Zukin uses it when considering the invasive cultural and social shaping of urban landscapes as against the traditional or

readership rather than democratising its content, context and philosophy by transforming it into common-sense, vernacular, or folk knowledge. The precise nature of the scientific text in *un-commonsense* terms, to use Halliday & Martin's word, does not only rest on its taxonomy but on its genre, its textual construction and its metaphorical grammar. In discussing the scientific and non-scientific perception of the science involved in genetically modified organisms, for example, the linguist, Guy Cook, has raised some pertinent questions about what happens when scientific concepts *are* democratized, but at the same time, are manipulated by vested interests in the process.² Although he is primarily concerned with the terminology in key phrases and the pseudo-scientific understanding of some the buzzwords we hear today, mainly those to do with transgenetic modification, his point is relevant. Scientists are therefore jealous of the exact nature of information conveyed by their texts and have taken measures to ensure that their language functions as a filter against distortion from pressure groups outside their own classified circles. Despite the fact that we only have one language system to describe other systems such as we find in science and technology, field-specific environments cannot be unpacked in one-to-one equivalents without causing changes in meaning.

I have mentioned my experience as a translator because it was there that I became acutely aware of the nature of the scientific text and the difficulty young people have in coming to grips with even simple science

vernacular parts of the city with their cultures that have not had the strength to withstand changes brought about by such landscaping. See her article, "Postmodern Urban landscapes: Mapping power" (pp. 221-247) in Lash & Freidman (eds.).

² See Guy Cook, pp. 91-120, where key phrases and metaphors primarily in transgenetic modification (TGM) are discussed to show the difference between scientific language in the domain of the experts and the unscientific language of the social domain, handled by the press, politicians, lobby groups and the general public. Other scientific terms that have become «doublespeak» – the experts on one side, the public on the other (and «someone» taking advantage of the confusion to push home a political agenda), are: cloning, male serotonin *vs* female oxytocin, and toxic waste incineration. Terms in other fields that have raised doubts because they straddle the domain of preciseness and the domain of social understanding, are: globalisation, competency, and multiculturalism.

subjects at school. Given the fact that we are living in a technological age and educational guidelines are seriously concerned with successful learning and outcomes in these spheres, it is necessary to take a look at the nature of scientific languages as a social semiotic that processes meaning and allows students to understand and interpret the mathematical, scientific and technological concepts introduced to them at school so that they can, at a later date, take a full and equal part in the society of the future.

I shall therefore be considering genre as a possible approach to learning these subjects, so that students understand better what and how they are learning in order that they may give written accounts of their success. I will look at this issue from a systemic-functional linguistic approach, which I believe sheds light on the relations between the components of language and meaning and in the way language functions socially in particular fields. In doing so, I will also link up the pedagogical language system with the other semiotic systems that prevail in the science and maths classroom. I will therefore be discussing areas of difficulties experienced by students as they negotiate the genre. However, it will not be my concern to offer any theoretical guidelines to pedagogical practices.

Learning the language of science and technology

It is a common belief that far from integrating into the creative, hybrid world of the post-modern with its acceptance of the *other* in multiple universes of signification and cross-referencing, the discourse of science and technology seems to be conservative, highly ordered and therefore exclusive. But is this really so? I believe not, as we shall see. First of all, in order to make sense of the world, students need to acquire the cultural tools and practices of their times, and in our technological age, science as a human activity is very much a part of the social scenario. What students have to learn are the various languages – or the multimodality of the rhetorics of science to use Gunther Kress' term – in order to understand the different systems of signs in a scientific concept. This includes not only understanding the operational and visual representations, the verbal and textual signs, the symbols and codes of science and technology, but understanding them in a synergy that demands a logical movement to-and-fro each of them in a

process whereby knowledge is constructed. But as Basil Bernstein stressed as far back as the early 1970s in his seminal work on elaborated codes, the language of learning at school may also be the language of exclusion owing to the demand that speakers have to know how to deal with the code-switching and ambiguities of institutionalised discourse. Students are assessed on their competence to handle these discourses through their performance and many fail to do so due to the representational breakdowns between words and meanings.

Jay Lemke pointed out that in order to perform in the way the institution and society expects, students need to know “how scientists talk and write and diagram and calculate, how scientists plan and observe and record, how we represent and analyze data, how we formulate hypotheses and conclusions, how we connect theories, models, and data, how we relate our work and results to those of other researchers” (2002:159). Natural language, he stressed, is very limited in its ability to describe the concepts and workings of science and technology. As far apart as in Europe, Australia and the USA, pedagogues and applied linguists have been proving that meaningful maths and science depend on how well students take part the process to build up the semiotic system in the cultural setting of the classroom from different disciplinary and operational perspectives in “a dynamic process of transformative sign-making” (Kress *et al.*, 2001:xiii). In other words, the reading and writing of science is only a part of the story.

But it is the part that interests the “handlers” of scientific and technical texts – the teachers, curriculum builders, scientists, and of course, the policy-makers. The fact that its increasingly formulaic, esoteric nature is cause for worry among educators who see in it a factor of social and cultural exclusion, is also of interest to those in power. Unravelling the abstractions, the technicalities and the taxonomies, as well as penetrating the rationalistic mind frames couched in elitist discourses (heavily influenced by Anglo-Saxon formalism) may prove too much for many students because they have not been trained into them. It is precisely the impenetrability of scientific and technical discourse that is the on-going concern of pedagogues in their wish to open up science education to those who have always traditionally been denied access to it. However, in taking educational measures, the authorities

seem to have compounded the problem by confusing the discourse of science – a specialised descriptive discourse of signs, or rather, an experiential *uncommonsense* discourse – with the interpersonal vernacular narrative based on the *expressivism* of imaginative creativity, pseudo-scientific terminology and “quasi-genres”. Certain currents in Australia and the UK but mainly in American emancipatory pedagogy, are pushing for expressivism by allowing children to use their own childish semiotic systems unencumbered by genre restraints to describe a natural science phenomenon in simple terms. For example, describing the action of the digestive tract may be done by narrating along a “once upon a time” sequence of what happened to me – ‘a piece of chocolate – when someone ate me. Far from demonstrating the usual declarative, process-driven and symbolic qualities of the objective experiences described in scientific writing, no matter how simple, this kind of story-telling mode is experiential from a personal point of view, and fails to train the children to recognize and later, to use, simple scientific description.³

In an ironical paradox, however, and at the same time that some are denied access to the scientific mode, it has also become the discourse of power and hierarchy. Far from being esoteric, its influence has spread to other public spheres such as bureaucracy, technocracy, advertising and journalism which are the domains of the educated and technologically proficient. At the beginning of the 21st century, the linguistic scaffolding of scientific knowledge has been transformed into the language of literacy. M.A.K. Halliday (1993:10, 11) has rightly stated that what started off by freeing and enabling the linguistic *constructual* of experience gained through the new experimental sciences in the 17th century, has ended up by constraining and distorting it. Nevertheless, there is every indication that in future societies, people will be forced to interface with semiotic systems to an increasing degree.

We only need to look at the language of policy-making, of bureaucracy and administration, economy and finance, industry and labour, health

³ See J. R. Martin (1993:167) for an account of the teacher’s negative reaction to 8 year-old Ben’s scientific essay which countered the story-telling approach to science she was teaching.

and education, the EU rulings and legal services, to see the influence exerted by scientific language.

Language has already become the vital commodity whereby information is produced and exchanged. And therein lies the second paradox. Our post-modern relativity has already made inroads on scientific genre. The certainties scientific and technical discourse have had up to recently to construe particular realities would seem to be moving in the opposite direction today: from absolutes to relatives; from objects to processes; from deterministic to probabilistic; from stability to flow.⁴ The new semiotic systems that are developing new sub-genres (suited to globalization on the one hand but also unique socio-cultural identities on the other) will need to be deconstructed, however, and will have to undergo testing for comprehensibility. Hopefully, the tendency will be to find new ways to express meaning and to democratise what has hitherto been elitist, even if new elites quickly develop and take their place.

Learning about genre while “doing” science and maths

This brings us back into the pedagogy of the science classroom, to the question of accessibility and the core of the problem with learning maths, physics, chemistry, computer science and the natural sciences. Do the students understand the language in which these subjects are delivered? Or does pedagogy explicitly need to shape consciousness through linguistic and social processes so that they make sense.⁵ There is hardly any student writing of text in maths and science in the classroom and, even if accepted genre-constraints are obeyed, much of the input students receive is through oral, visual and kinetic means. They are therefore often at a loss when cutting through the teacher’s discourse and the passages in their textbook to get at

⁴ See M. Cronin for an interesting account of multiple modernities and the position of the language mediator interfacing with new semiotic systems in the shifting economies and geographies of the globalization process.

⁵ I am paraphrasing the title of the collection of essays on this subject edited by Frances Christie (1999).

meaning. And they are less successful when it comes to writing up descriptions, procedures, arguments and conclusions pertaining to their own elementary scientific practice and in accordance with accepted sub-genres. Robert Veel (in Christie, 1999:169) offers a convincing explanation for this difficulty. He says that,

“without pedagogical recontextualization of science, it would not be learnable. School science reduces, simplifies, generalizes and idealizes centuries of scientific activity, in order for students to assimilate important understandings and to move on to ‘real science’. This requires science educators to organize knowledge into taxonomies, axioms, laws and principles to explain phenomena. (...) Progressive science educators often emphasize the need to ‘rehumanize’ school science (...). This has led to the radical changes in the appearances of many textbooks, *though not of the written language they contain*” (my emphasis).

In his article, “Mentoring Semogenesis” (in Christie, 1999:123-155), J.R. Martin offers a 3-dimensional model of change in classroom discourse so as to open up learners’ access to genre and enhance the projection of meaning in a semogenetic process. By working through a constructive of discourse interchange between teacher, students, text, action, visual means, gesture and multimedia, teachers have found it useful to get the children to construct meaning and practice through unfolding or deconstructing the genre itself. In other words, as scientific and technological concepts are introduced to the students, the language in which they are couched is checked for understanding and successful reproduction. The process is worked through in textual form (Martin terms this logogenesis) whereby the individual gains awareness of the meaning potential in the text (ontogenesis) in the environment of the evolving culture (phylogenesis). His procedure is primarily concerned with unpacking the written language step-by-step and he teaches the students the genre of what they are learning so that they reproduce it themselves in text form. His classroom strategy is a three-phase one based on: *modelling*, where the social function/context of the genre is discussed and deconstructed; *joint negotiation of the text* where doing things with the language (as for example, observing, researching, note-making, discussing, rehearsing, summarizing and role playing) leads to the prepara-

tion phase of new texts in the same genre; finally, *independent construction of text* where students edit and rework their own texts in the genre using appropriate linguistic scaffolding. Here students have to reedit and rework text and critically assess the ideas, theory and practice conveyed in the genre. In “doing” science, therefore, students are simultaneously organising scientific information and explaining events scientifically so as to eventually “challenge” science (to use Veel’s idea).

Classifying scientific language

Apart from the Australian school, there has been little work done on the actual grammar of scientific genres. Functional grammar has been used as a linguistic foundation for discourse analysis and text and genre studies, but despite the fact that systemic functional linguistics (SFL) is a resource for meaning (and not a system of rules) and offers an explanation about the semogenesis of specific kinds of discourse, it has rarely been used to describe and classify scientific writing and its mediation and translation.

The impressive numbers of glossaries, lexicons, multilingual on-line term banks and dictionaries would appear to confirm the generalised idea that the challenges offered by scientific and technical texts lie merely in the complexity of their terminology. But school students need to know how scientific discourse works through its own lexico-grammar structure within the setting of whole text processing and the projection of meaning (semogenesis) through relationships established across language systems and across metafunctions using contextual correlatives.

An SFL approach to classifying the genres of scientific, technological and mathematical text shows “how the work of science is grammatical: naming, constructing, positioning the social and natural worlds” and how these fit into meaningful “sequences of agents and causes, relations and consequences”.⁶ The sentences in the texts realising the discourse, are therefore not only basic units of meaning, they primarily observe the semantic organization of the whole text and their systems of meaning. Halliday (1993) constructed a framework in which the dynamic relationship between the

⁶ Alan Lake in his Introduction to Halliday & Martin, 1993.

grammar of the text and the meaning potential as a social semiotic could be described in the scientific text. This is not the place to go into detail about it although a few commentaries are necessary to look at some of the issues he raises. It is useful for perceiving the problems that school children have in understanding real-life scientific and technical processes in the way they are described and classified in language. Such problems are carried forward into professional practices later on.

As a first step, teachers and their students have to be aware of the apparent dichotomy between (1) science as text written from a particular perspective about a wider practice (e.g. the description of valve behaviour in propelling liquid fuel within a class of process descriptions) where meaning is construed through very specific taxonomies in a semiotic process, and (2) science as a social institution that refuses to be confined in formal categories and is more ambiguous and susceptible to social practices (e.g. Guy Cooks' description of science crossing borders into public discourse about trans-genetic modification).

This is not really a problem from an SFL point of view of classifying as the organization of language and social context is treated as functionally diversified along similar lines. The ideational, interpersonal and textual metafunctions carry through this functional diversity. Very succinctly, and borrowing Hallidyan concepts, the ideational metafunction is concerned with representation and is processed through its relationship with field (the topic referring to social action and what is taking place). The interpersonal metafunction that is so important in establishing interaction to enhance semogenesis works within the mood system and is related with tenor (focussing on social relations where things like register are important because they depend on who is taking part and what kind of relations are evident). The textual metafunction, which has to do with cohesion and information flow, is rooted in identification and correlates with mode (the symbolic organisation of language – the genre that is usually written but which may resort to other semiotic systems such as graphs, tables, drawings, photographs, etc. – usual in scientific texts).

Students have to negotiate all three metafunctions across field, tenor and mode during the course of their work, a task made easier or more

complicated in scientific texts depending on the functionality of clear intrinsic relationships. They have to deal with stratification across a content plane composed of discourse semantics and the way terminology works, as well as the lexico-grammar system. They have to work their way across the expression plane of graphology – text layout, cross-section drawings, tables, graphs, photographs, etc., or phonology when listening to the teacher, watching science films, hearing interviews and tuning into internet video conferencing. If elements are unclear, ambiguous or even withheld, meaning and communication may be compromised. For example, one of the major hurdles schoolchildren have to jump when crossing the semiotic stratified context plane, is the condensed or distilled language typical of science due to its use of technical terms (rather like the condensed use of acronyms).

Here, scientific discourse is notorious for its use of extended nominal groups that have become objectivised or reified whereby their status as actions, processes, states, qualities and characteristics have been raised into “things” with their own sign systems and meanings. The grammatical metaphor is one of the most difficult aspects students have to face. The art of distilling commonplace words into highly technical taxonomies has been going on for at least four centuries in the West, although learned cultures from Asia and Arabia were producing variations of scientific discourse long before Europeans were vilifying Galileo. Common, figurative language was slowly but surely being transferred into a literal lexico-grammatical medium through eliminating the emphasis on transitivity, grouping characteristics and qualities and by use of metaphor. Ideas were now being expressed in a different grammatical and lexical form to give a more precise, abstract meaning. For example, the two nominal groups below are a typical grammatical metaphor converted into «a thing»:

- *the volume of a rectangular swimming pool with sides measuring 8,10 and 12 m.*

(from a 7th grade school textbook) shows a string containing a pre-numerative, a deictic, a classifier, a thing and a qualifier – all of which are quite normal in terms of classroom discourse in a maths lesson. The second example is taken from the Science and Technology section of *The Economist* (13 May 2006: 81). It shows how the language of science has spread to other domains.

Newsweek and *Time* magazine have likewise adopted a fondness for large nominal groups not only for reasons of condensation, but also to emphasize the seemingly truthful quality coming across in pseudo-scientific writing that qualifies the subject or «thing»:

- *a two-person, ground-launched suborbital rocket plane called Xerus is being developed.*

This group is composed of a deictic, classifier, epithets, an adverb, a qualifier and several things – all in the passive voice. A more natural figurative rendering containing three clauses is likely to be:

- *[They're] developing a suborbital rocket plane which can be launched from the ground and can carry two people.*

The grammatical metaphor in science is therefore an artefact of abstraction where the «thing» is objectivised. Despite the condensation of terms, the meaning is clear enough if one knows the style (which many school children do not).

But we find the grammatical metaphor has spread to other kinds of texts that do not belong to the realm of science and technology. Official documents are particularly guilty of bamboozling their readers with extended nominal groups that may be more easily explained if the fog of words in unfamiliar collocation is lifted, as the following three examples show. The first is a Local Council circular to rate payers warning them of an increase in water fees; the second comes from the instructions on a tax form, while the third example is information aimed at stakeholders in the British social welfare services. All three, therefore, have to do with people's everyday lives and reading, understanding and interpreting the grammatical metaphors is essential if one has to get on with one's life:

- An Ordinance amending Chapter 78 of the City Code, entitled "Utilities" by amending Section 78-86(1)(a), (1)(c), (2)(a), (2)(b), (2)(c) and 4(a), Section 78-87 and Section 78-88(b)(1)b., (c)(1) AND (c)(2) and deleting Section 78-86(2)(d), (4)(a), (4)(b) and (4)(c), to increase water connection fees and sanitary sewer connection fees, setting a flat disconnection fee and setting water service and sanitary sewer service charges and rates. (<http://scholar.lib.vt.edu/VA-news/VA-Pilot/issues/1995/vp950908/09080479.htm>)

- Tax-bracket thresholds will increase for each filing status. For a married couple filing a joint return, for example, the taxable-income threshold separating the 15percent bracket from the 25-percent bracket will be \$63,700, up from \$61,300 in 2006.(<http://www.irs.gov/newsroom/article/0,,id=164182,00.html>)
- In view of the need to facilitate more understanding on welfare issues by community stakeholders, an institutionalized and strengthened mechanism for providing information and explanation on welfare policies and initiatives, as well as seeking feedback is paramount. (http://www.swd.gov.hk/doc/downsecdoc/dswo_rpt.doc)

Grammatical metaphors also abound in the written media (for instance, in wide-circulation general magazines like *The Economist* and *Newsweek*). Looking at examples covering a broad range of subjects, we may find at any one sitting, the following grammatical metaphors that seem to have learnt their lesson from the science manuals:

- **Economy:** «...*sky-rocketing crude-oil prices around \$65 a barrel* prompted...»
- **Investment:** «... German industry has been slow to get *the off-shore to low-cost Asia and Eastern Europe* going...»...
- **Policy:** «*Cuts in government Medicaid while refusing government health-care managers negotiating a lower bulk price on pharmaceuticals for the poor, were...*»
- **The EU:** «In recent years, *defenders of the European social model-capitalism tempered by a generous, interventionist welfare state*, have»
- **Industry:** «...*the electrical and petrol power combination delivers the cleanest engine technology available..*»
- **Labour:** «Strategy becomes hostage to special interests when labour has *veto rights over the salary and contract renewal of a CEO...*»
- **Technology:** «the adoption of a particular type of NAND flash technology has been spurred ...»

Other areas of linguistic difficulty for learners

It is not infrequent to find other nominal groups that are difficult to understand, inexplicit or ambiguous, as in these two examples:

- Numbers alone mean that liquid-fuelled rockets blow up more often
- Cardiac arrest death rates are associated with increased unsaturated fat intake

What is the actor? Is it *numbers* in the first example and *cardiac arrest* in the second that we need to pay attention to, or *liquid-fuel* and *death rates*? We are not sure if this is a sign of internal clause relations or external transitivity relations.

Nominalisation downgrades the grammatical status of meanings contrary to spoken discourse which usually has a lot of independent clauses made more dynamic by their verbs and their capacity to undergo syntactic changes and redistribute information. The nominal phrase on the other hand ranks lower than a clause group and is not really open to negotiation. And it is precisely this aspect that has given scientific language its formulaic reputation in a rigid standard that is nevertheless inexplicit due to the lack of transitivity relations. Look at the following example:

- *Superimposed upon the aging brain in as many as 10% of the elderly* are pathological brain changes...

Here, there is a clear case of inversion where the predicated precedes the predicator. School children are often perplexed by such phenomena and rather than battle through with the teacher's coaching in terms of language decoding, become disinterested and give up. In other words, it is the language itself and not the contents of science and maths that constitute the first and most decisive barrier.

Another cause of despondency among young science learners is the depersonalisation of scientific and technological discourse with passive constructions sometimes using polysemic verbs such as *associated with*, *mean*, etc. that could swing either way between clauses. For example,

- *oil prospecting means deeper drilling bringing up costs.*

Patterns have changed and what a student might understand as a dynamic causal relationship between events that happen, has now become objectivised into an occurrence. For example:

- *if there's a problem, control the flow of oxidant → the flow of oxidant can be controlled should a problem occur.*

As M.A.K. Halliday has pointed out (1993:64) in nominalisations, the distillation of representations of processes are packed into themes and rhemes, in Given and New, into backgrounding and foregrounding. For example, processes are represented in summarized constructions where

backgrounding implies the Given fact as a theme, while foregrounding has the rhemic material as the New:

- basic evolutionary principles / explain the large-scale patterns in biology as being more decisive⁷

[Theme]

[Rheme]

Also, while there are hundreds of verbs to link up these nominal processes (expressing causal, circumstantial, transitive, mental and process relations externally connected to each other as in the example above), there are also verbs denoting internal relations and expressing the writer's interpretation of scientific experience (e.g. prove, illustrate, confirm, indicate, etc.). Students have to understand why different verbs predicate different meta-functions and they need to know how to relate them in passive constructions with the nominal phrases whether they come in strings of categories or whether they are made into grammatical metaphors. The lexical density of clauses may sometimes be daunting. In current spoken English, a clause may contain 2 or 3 lexical items that are interspersed with grammatical categories but in scientific writing, clauses may contain many more:

- - If anyone *phones, say* I'm out. (2)
- [the *development* of] a *plug-in fuel cell hybrid* with as little as 20 miles of range from *rechargeable hydrogen*, [could cut ...] (8) (From Science Daily 15/10/03)

The replacement of one grammar class for another and the implied syntactical reordering is problematic for young learners. It is hard for them to substitute verbs for nouns (*destroy* > *destruction*), or adjectives and adverbials for nouns (*scarce* > *scarcely* > *scarcity*).⁸ Children talk in clauses that are predicated and only later do they start nominalising as the discourse they learn in the classroom with their teachers and from the textbooks introduce them to new genres. For upper-school students working in any of

⁷ Example adapted from the *Economist*, October 7-13, 2006, p. 85.

⁸ See Martin p. 31-33, in Christie & Martin (2000) for a fairly complete list of types of grammatical metaphors involving word-change classes.

the Romance languages, like Portuguese, this may not be such a problem as some degree of nominalization is frequent in natural educated speech. However, complex grammatical metaphors of the type given below are not all that common even in the science/technology pages of the Portuguese quality press:

- “[resultam] *duas células-filhas geneticamente iguais*;⁹ (*Revista Única, Expresso*, 26/10/06, p. 104);
- “*A destruição dos recifes de coral climaticamente alterados* ainda não é um facto consumado, disse hoje a União Mundial para a Conservação”¹⁰ (*in Público*, 30/10/2006).

They occur more frequently, however, in specialized educated writing (not necessarily scientific writing, although projecting the same factual «truthful» quality denoting rationality and scientific analysis) as demonstrated in this example written by former Portuguese Minister of Education, Guilherme Oliveira Martins:

“*A noção moderna de desenvolvimento sustentável [e] a exigência da mobilização de recursos disponíveis em torno do “capital social”* [obrigam a dar à educação e à formação maior importância].

A coesão social, a qualidade das instituições, o desenvolvimento de uma cidadania activa, o rigor económico, a empregabilidade, a consciência da necessidade de dar combate a todas as formas de exclusão [exigem que as políticas públicas de educação e formação se constituam em] *instrumentos fundamentais de desenvolvimento*”.

(in A. Reis (Org),(2006): *Portugal Anos 2000*, Lisbon, Instituto Luís de Camões).¹¹

⁹ Translation: “Two genetically equal daughter cells are produced...”

¹⁰ Translation: “The destruction of climatically changed coral reefs is still not a consummated fact, the World Conservation Union said today”.

¹¹ Translation: “The modern notion of sustainable development and the demand to gather available resources around “social capital” requires that education and training be given greater attention. Social cohesion, the quality of our institutions, the development of active citizenship, economic strictness, employability, and awareness of the need to fight against all forms of exclusion demand that educational and training policies become the basic tools to bring about such development.”

In this example, grammatical metaphors not only abound, but there are long lists of nominalisations (actors in material processes of doing) depending upon a single predicator or process (*obrigar, exigir*). According to Halliday (1993:81), the Greeks and Romans were already describing mathematical experiments and scientific experience and processes in terms of grammatical metaphors. But what is interesting is the fact that, down through the centuries, the grammatical metaphor in romance language such as Portuguese was carried over into the language of politics, bureaucracy and economy although, in English, the trend toward so-called scientific language in areas other than science only gained ground fairly recently. *Europeak* (the European Union bureaucratic jargon) is particularly fond the grammatical metaphor to the extent that the campaign “Fight the Fog” was launched by Brussels in the 1990s, in an attempt to render briefs and other communiqués more understandable at first reading and more accurate to translate. However, as already pointed out, this fashion of catering to elite readership through the use of pseudo-scientific syntax and terminology has long found its proponents in the editorial policies of the international English-language press.

However, there is another difficulty for students when they try to decipher the language of science and mathematics. Certain classes of grammar are favoured by metafunctions and knowing what they are may prove helpful in pointing out paths to improved understanding. While circumstantial reference to time, place, manner, condition rely on prepositional phrases and adverbs to convey meaning, and relations linking one process to another do so through conjunctions, while processes may depend on verbs to link causal relations.

Although care is taken in school textbooks at lower level not to make assumptions about students’ knowledge without checking first, more advanced students may sometimes be at a loss when writers of scientific and technological texts leave out what seem to be crucial steps and jump from one semiotic unit to another. The process is clear to the expert but the student is

¹² News broadcast on RTP1, 14 July 2006, following the posting of the nation-wide 12th grade exam results.

left to puzzle out what is missing in order to go on to the next step and make his/her own bridge to jump the gap.

If semogenesis sometimes seems disconnected in the conceptual jumps authors make at times, what is a headache for more advanced students dealing with more specialized texts, is faced with equanimity by very young learners. The taxonomies that have to be learned in the science classroom do not seem to be very troublesome at the beginning, according to Veel, Rose and others. I have deliberately left terminology last because not only does it contain nominal groups but the more specialised it gets, the more it has to obey scientific classification parameters. What students find difficult is placing a term in its category in a hierarchical structure. They find it hard to order because they fail to grasp underlying concepts. This is natural if we think about the names given some species in folk or vernacular language when compared with the names accorded by experts and the terms coming in scientific classifications, usually in Latin, for example:

Common name: squid (or *calamari*, borrowed from the Spanish)

Scientific name: Loliginidae

Classification with Latin and English names: Class *Cephalopoda*;

Subclass *Coleoidea*: squid; Superorder *Decapodiformes*; Order

Teuthida: squid; Suborder *Myopsina*;

Family *Loliginidae*: inshore, calamari, and grass squid.

Given the precise nature of terminology – as any glossary will show – there can be no such thing as *plain English* in a scientific or technical text. Be that as it may, Newmark (in Mengzhi, 1999) pointed out that technical terminology occupies between 5% and 10% of a text. Although the student knows to his/her cost, what it is not to have the right term at hand in an exam, it also proves that what is difficult in a scientific text is not the taxonomy itself but the collocation of the taxonomy in the clause, in the sentence, in the text as a whole – in its topography. Lemke explained topography as the “criteria for establishing degrees of nearness or proximity among the

¹³ See J.R. Martin, David Rose and Robert Veel for Appraisal techniques in genre, in Christie & Martin, 2000.

members of some category” (in Christie & Martin 2000:14) which help to establish identities of genres/text-types. The segmental or orbital particulates of textual structural providing ideational meaning, the prosodic elements – leading to interpersonal meaning – and the periodic or textual elements of scientific genres all clearly show that meaning is generated in genre. Those who fail to understand the genre risk failing to understand the meaning of the text. In other words, they risk failing to understand the points which maths and science try to make in building up knowledge that may be used as a platform to construct other kinds of knowledge.

Not long ago, I heard an angry schoolgirl who had just failed her 12th grade maths exam,¹² complain that she had arrived at a “more or less correct” answer to a problem by using a process other than the method demanded by the examiners. She was unable to perceive that she had failed the exam due to the unorthodox path she had taken to her answer which, if applied to other problems, would probably not have stood the test because it was haphazard and not scientific. The same argument could be applied to genre. The body of knowledge empirically proving natural laws is expressed through the language it uses. Those who fail to understand the semogenesis contained within the genre, are barred from a deeper understanding of the practicalities of the world of science and technology.

If the national average of 12th grade new syllabus maths for the 2006 exams rounded out at 7.3 of a possible 20, and the failure rate was 30%, and if physics and chemistry were only able to muster national averages of 6.9 and 7.7 marks of a possible 20 (Portuguese Ministry of Education numbers), then perhaps it is time to take the question of genre as a semiotic system in learning science more seriously. In order to «do» science, students have to understand science! Text is not the only means to learning about science as Gunther Kress so aptly pointed out. And the pedagogic genre – rhetoric – used at school may be composed of many other modes in a build-up of interaction generating meaning. Kress and colleagues defend the idea of the material nature of science where the physical, visual and kinetic world makes more sense to today’s students. However, in the end, it all comes down to text and the appraisal of text.¹³ Those who do not know how to deal with it are excluded.

Thus it is with our young workers in the professions and with our students who carry on their higher education in the arts and humanities and who have failed at science and maths early on at school. Their mind frames are built on other semiotic systems. They struggle with the technical or scientific text, trying to make it more “palatable” by adapting it to the public domain. They distort its functions that aim at representing, recording, exposing, discussing, proposing, challenging and arguing, by not knowing how to handle particular syntaxes and taxonomies in highly structured texts. Or if they are in the arts, they refuse to work with scientific texts at all and valuable insights into a nation’s history and culture are lost. Worse still, if language graduates become translators, their work often has to be carefully revised and often re-worked by experts in the scientific field. In highly specialized fields of knowledge, it is only natural that this is so, but the fact that scientific discourse has become the kind of discourse used by the highly literate, not being able to negotiate its genre and the processes of which science and technology speak, keeps young professionals out

As a final remark, and as Frances Christie, David Rose, Robert Veal, Cathy Flick and many others have reiterated in support of Halliday, Martin and Lemke’s insistence that genre is an important semogenetic tool in science at the level of learning, teacher education courses could do a lot more to show teachers how to make genre explicit in their classrooms. In this way, teaching content would go hand-in-hand with understanding, learning and producing the genre which informs our world. It is only fair to teach students how to handle the tools of the genre if we want them to compete successfully first as mediators and then as builders of text. Contrary to the gate-keeping phenomenon of today where only the literate are allowed through, this is the true meaning of “education for all” so widely proclaimed by our western democracies.

References

- BERKENKOTTER, C. and T. HUCKIN (1995): *Genre Knowledge in Disciplinary Communication: Cognition/ Culture/ Power*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc. Publ.
- BERNSTEIN, B. (1971): *Class, Codes and Control, Vol. 1: Theoretical Studies Towards a Sociology of Languages*. London: Routledge & Kegan Paul.

- CHRISTIE, F., ed. (1999): *Pedagogy and the Shaping of Consciousness – Linguistic and Social Practices*. London: Continuum.
- CHRISTIE, F. and J.R MARTIN, eds. (1997;2000): *Genre and Institutions – Social processes in the workplace and School*. London: Continuum.
- COOK, G. (2004): *Genetically Modified Language*. London: Routledge.
- CRONIN, M. (2003): *Translation and Globalization*, London: Routledge.
- FLICK, C. (2006): “Notes on Scientific Translation”. On <http://X-lation.com> (June).
- HALLIDAY, M.A.K. and R. HASAN (1976): *Cohesion in English*. London: Longman.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985;1994): *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. and J.R. MARTIN (1993;1996): *Writing Science – Literacy and Discursive Power*. London: Falmer Press.
- KOLTAY, T. (2006): “Including Technical and Academic Writing in Translation Curricula”. On <http://www.translation-services-usa.com/articles/including-technical.shtml> (June).
- KRESS, G., C. JEWITT, J., OGBORN and C. TSATARELIS (2001): *Multimodal Teaching and Learning: The Rhetorics of the Science Classroom*. London: Continuum.
- LASH, S. and J. FRIEDMAN (1998): *Modernity and Identity*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LEMKE, J.L. (1996): *Science, Masculinism, and the Gender System*. On <http://www.philo.at/mii/gpmc.dir9606/msg00020.html> (June 2006).
- LEMKE, J. L. (2002): “Teaching All the Languages of Science: Words, Symbols, Images, and Actions”. In M. Benlloch. ed. *La Educación en Ciencias*. Barcelona: Paidós:159-186.
- MENGZHI, F. (1999): “Sci-tech Translation and its Research in China”. In *Meta*, XLIV, 1. On <http://www.erudit.org/revue/meta/1999/v44/n1/index.html> (July 2006).
- WRIGHT, S.E. and L. WRIGHT (1993): *Science and Technical Translation*. Amsterdam: John Benjamins.